

7-12-2014

DECLÍNIO E DESPERTAR DA FAVELA: UM ESTUDO (AUTO) ETNOGRÁFICO

José Luiz Santos Nogueira

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/span_etds

Recommended Citation

Santos Nogueira, José Luiz. "DECLÍNIO E DESPERTAR DA FAVELA: UM ESTUDO (AUTO) ETNOGRÁFICO." (2014).
https://digitalrepository.unm.edu/span_etds/31

This Thesis is brought to you for free and open access by the Electronic Theses and Dissertations at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Spanish and Portuguese ETDs by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

José Luiz Santos Nogueira

Candidate

Spanish and Portuguese

Department

This thesis is approved and it is acceptable in quality and form for publication:

Approved by the Thesis Committee:

Margo Milleret, *chairperson*

Eleuterio Santiago-Diaz

Jeremy Lehn

**DECLÍNIO E DESPERTAR DA FAVELA:
UM ESTUDO (AUTO) ETNOGRÁFICO**

BY

**JOSÉ LUIZ SANTOS NOGUEIRA
BACHELOR OF ARTS**

THESIS

Submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the degree of

Master of Arts

Portuguese

The University of New Mexico

Albuquerque, New Mexico

May, 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a minha avó Dália Moreno Nogueira (in memoriam), cuja vida de lutas e trabalho pontuados pelo respeito e compaixão alheios fez dela uma super-mulher. Com ela aprendo o valor de ser humano. Ela foi minha grande inspiração.

Também dedico este trabalho a minha mãe, Maria Adelina Santos Nogueira, que a seu modo tem vivido um pouco menos para que seus filhos possam viver um pouco mais.

De forma não menos importante, dedico este trabalho a minha tia Benilda Penha Nogueira, pela ajuda em todos os níveis. Sei que apesar das diferenças, sou o filho que ela nunca teve. Ela assim me faz crer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Margo Milleret, que tão carinhosamente me acolheu em um momento de rejeição e dúvidas. Agradeço, pois você mesmo tão pouco conhecendo meu trabalho, teve fé em minha pesquisa e apostou em mim em um momento em que outros tiveram medo. Agradeço mais ainda pois com a ajuda que recebi de você, conseguimos criar algo bom em tempo mínimo. Sua liderança, maneira de encarar os fatos e estilo profissional estarão comigo ao longo de minha vida acadêmica.

Em particular agradeço ao Doutor Eleuterio Santiago-Diaz, cujo sorriso amigo sempre teve o efeito de um bálsamo revigorante.

Por último, mas ainda assim com todas as honras, agradeço ao comitê que tão atenciosa e pacientemente leu e acompanhou o processo de desenvolvimento de minha tese.

DECLÍNIO E DESPERTAR DA FAVELA: UM ESTUDO (AUTO) ETNOGRÁFICO

BY

JOSÉ LUIZ SANTOS NOGUEIRA

B.A., Portuguese/English, UGF, 2007.

M.A., Portuguese, University of New Mexico, 2014.

ABSTRACT

This thesis is made up primarily of auto-ethnographic studies. It is a collection of information about life in the favela (shanty town) as described by residents of the favelas with personal experience and by the author who is himself a resident of a favela in Rio de Janeiro, Brazil. With a basis in facts, this study follows the appearance, development, decay, and redemption of the favelas in Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil. This work is based on the perspectives of literary production, cinema, culture and social projects, and personal testimonies of real events in the daily life of residents of the favela communities. It documents the conditions in the favelas that have been abandoned by the government authorities and therefore experience drug trafficking, battles between drug lords and the police, and the constant presence of violence. This study narrates how individuals are subjected to deplorable living conditions that have culminated in extreme interventions by the state. The works of *Quarto de despejo* (1960), *Casa de alvenaria* (1961) and *O diário de Bitita* (1982), by Carolina Maria de Jesus and the novels *Manual prático do ódio* (2003) and *Capão pecado* (2005), by Ferrez, as well as projects led by community members, demonstrate the transitions through which the old favela is being rescued and repaired. In addition to these projects, efforts by the government are contributing to the restructuring of the marginalized communities so that the occupants are gaining a voice, civil rights, and equality. These newly found markers of citizenship present a stark contrast to the views held by those who previously scorned the favelas. Thus, at the beginning of the 21st century, the new favela counters the theories of *Vidas despedaçadas* (2005), by Zigmunt Bauman that could be said to exemplify a good part of the favela studied in this thesis, but that in no way resemble the emerging favela of the new millennium.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DO ESTUDO	1
CAPÍTULO I - A favela na História: ficção e realidade	6
História da favela no Rio de Janeiro e em São Paulo	6
História moderna da favela	10
Minha vida na favela	13
As obras de Carolina Maria de Jesus	14
Comparações entre o mundo de Carolina Maria de Jesus e o meu	17
A favela e o preconceito	24
A favela e a diversidade racial	27
A economia da favela	28
A nova favela e o narcotráfico	31
A favela e o consumo	35
A favela e a mão de obra	42
A favela e a violência	46
Conclusão do capítulo I	50
CAPÍTULO II - Novo milênio: nova favela	52
A situação nas favelas em pacificação	52
A criatividade da favela carioca do novo milênio	62
A criatividade da favela paulistana do novo milênio	77
Conclusão do Capítulo II	86
CONCLUSÃO DO ESTUDO	88
OBRAS CONSULTADAS	92

Introdução

Durante minha infância e adolescência na favela do Jacarezinho, comunidade pobre da zona norte do Rio de Janeiro, uma das questões que sempre me chamavam a atenção e me incomodavam, dizia respeito à distância que separava a minha comunidade pobre de áreas mais privilegiadas. Quando falo de separação e distância, vou muito além da geografia destas regiões, uma vez que no Rio de Janeiro são poucos os bairros de classe média ou classe média-alta que não dão seguimento ou não tenham vista para o apinhado que se encontra nos morros cariocas. Dependendo de sua localização, estes bairros até podem ocultar, mas continuam interligados a tais regiões. A separação e a distância as quais me refiro, na verdade existiam na forma de abandono e desrespeito com o qual o Estado sempre tratou o povo da favela, o que resultou em muitas desigualdades. A estigmatização que marcou estas comunidades permitiu com que a expressão "favelado" deixasse de ser, em um passado distante, - se é que isto tenha havido de fato - um termo ligado somente à localização do morador da favela para tornar-se uma expressão pejorativa. O termo "favelado" virou sinônimo de nocivo, mal educado, selvagem e vagabundo. Interessantemente, até mesmo entre moradores da favela ouve-se a expressão "deixe de ser favelado". Enfim, o lixo social e moral da cidade, em variadas situações, abundava nas favelas. A favela foi, por anos e anos de descaso do governo, submetida e isolada às margens que separam a sociedade hegemônica do povo excluído.

É importante que se esclareça que este trabalho pouco se apóia em textos literários teóricos ou críticos. Ele se trata em grande parte de uma pesquisa auto-etnográfica. Isto ocorre também quando analiso e discuto Carolina Maria de Jesus, cuja vida é o laboratório de seus livros e toda sua realidade neles estão inseridos. Quanto a Ferréz, prefiro acreditar que sua vida esteja narrada em seus livros. No entanto, seria leviano dizer que todo o ocorrido em seus livros

tenha sido de fato experimentado pelo autor. O que ousou afirmar é que muito daquilo escrito por Ferréz seja também auto-etnográfico e não somente ficção. Em resumo, este trabalho está quase que em sua totalidade embasado em minhas análises enquanto indivíduo pertencente ao meio analisado. Posso assim dizer que minha posição diante do formato deste estudo é muito mais de repórter do que de pesquisador que atua e observa curiosamente algumas das transformações pelas quais a favela passa ao longo dos cento e poucos anos de existência (ao menos no Rio de Janeiro). Assim sendo, como morador da favela, decidi trabalhar nesta pesquisa com o intuito de esclarecer qualquer dúvida que ainda se tenha sobre o talento, a voz e o valor que o morador da favela tem, seja em sua atuação na cultura do país, seja com sua mão de obra e participação em diversas formas de produção do mundo moderno. Decidi trabalhar nesta pesquisa para comprovar que a única diferença existente entre os moradores do asfalto e os moradores da favela é sua posição sócio-econômica e geográfica, já que intrinsecamente não deveria haver ou não há nada que os deva diferenciar. Por outro lado, se tais diferenças ocorrem, isso se dá porque durante aqueles mesmos anos e até presentemente houve ou há circunstâncias adversas que colocam cada um diante da posição que ocupa. Entretanto, em um momento em que oportunidades são dadas ao favelado, desigualdades em potencial são dizimadas. E ele, apesar das diversas circunstâncias adversas que enfrenta consegue como todo e qualquer outro indivíduo cruzar a linha que o separa desta outra sociedade. Neste momento raro, posso afirmar que decidi investir nesta pesquisa para que a definição de favelado esteja única e exclusivamente ligada à localização que o morador da favela ocupa, e nada mais.

Um outro motivo, talvez o mais forte, que me levou a escolher este assunto como o tema de minha pesquisa, é o fato de eu rechaçar a máxima que afirma: "uma vez favelado, sempre favelado". Por esta razão, incluo o meu testemunho e experiências pessoais ao longo de toda esta

pesquisa, sendo eu apenas mais um entre outros tantos favelados utilizados como material de meu estudo. Todos nós somos aqueles que um dia conseguiram quebrar a cerca que vai de encontro a um novo mundo. Vale ressaltar que toda esta gama de probabilidades e possibilidades de mudanças se deu em meio à descoberta do mundo da Literatura, que me serviu de alerta e tanto me tem despertado no desenvolvimento de uma nova mentalidade, uma nova visão de mundo, uma nova comunidade e uma nova favela.

Quanto à sua apresentação, o capítulo I desta pesquisa se divide em doze subcapítulos e uma conclusão, que atua como base para o capítulo II. O subcapítulo **História da favela no Rio de Janeiro e em São Paulo** fala sobre a história da favela nas duas maiores capitais do Brasil e sobre a criação da primeira favela do Rio de Janeiro em 1897, além de relatar a causa do surgimento de tais tipos de moradias tão comuns aos grandes centros urbanos.

Diante de uma perspectiva mais moderna e focada na segunda metade do século XX, o subcapítulo **História moderna da favela** continua a narrativa do subcapítulo anterior, desta vez apontando outras razões que contribuíram para o crescimento e multiplicação das favelas. Em **Minha vida na favela**, falo sobre a favela do Jacarezinho, onde nasci e fui criado. Este trecho do trabalho representa a favela que vai do fim dos anos 60 ao início dos anos 80. Em seguida apresento três obras da escritora Carolina Maria de Jesus - produto criativo da favela - sem deixar de comparar sua favela à minha, o que ocorre no subcapítulo 5.

Do subcapítulo 6 em diante, muitos são os tópicos desenvolvidos, ora com base nas obras de Carolina Maria de Jesus, ora diante de minha experiência no Jacarezinho: o preconceito, a diversidade racial, o narcotráfico, o desejo de consumo, a mão de obra e a violência nas comunidades carentes.

A partir de **A nova favela e o narcotráfico**, introduzo a narrativa da favela sob o ponto de vista do escritor paulistano Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz), que nesta pesquisa é apresentado através de duas de suas mais importantes obras: *Capão Pecado* (1999) e *Manual prático do ódio* (2003). Se por um lado os romances de Ferréz criticam e apontam o consumismo como fator que muitas das vezes conduz os mais pobres à violência e ao crime, estes mesmos romances criam voz e dão visibilidade àquilo de bom que a favela produz. Por outro lado, é importante que se considere o fato de que Ferréz, como o foi Carolina Maria de Jesus e como tento ser enquanto observador e narrador dos fatos, pode estar agindo como testemunha de suas próprias experiências na favela. O autor pode não estar criando situações, mas apenas as está reportando. Sob qualquer aspecto, é fato que a favela do fim do século e da virada do milênio encontra-se tanto nas obras analisadas quanto na vida real, em uma situação de total decadência.

Esta necessidade urgente de transformação é o ponto debatido no capítulo II desta pesquisa, que foca na nova favela do novo milênio. Este, está dividido em 3 subcapítulos e uma conclusão. O primeiro, **A situação nas favelas em pacificação**, nos fala sobre mudanças ocorridas nas favelas cariocas com o Projeto de Pacificação das Favelas (UPPs), que pretende trazer não somente paz e tranquilidade à comunidade, mas também projetos que visam mudanças de ordem social, cultural e econômica.

O subcapítulo **A criatividade da favela carioca do novo milênio** transita por espaços culturais e criativos baseados nas comunidades e feitos para a comunidade. Vale ressaltar que muitos destes projetos encontraram ajuda e apoio em organizações não governamentais e foram implementados muito antes da idealização do projeto das UPPs. Este fato, no entanto, não diminui a contribuição do Estado na favela. Ao contrário, sua parceria, em minha opinião, somente acrescenta.

O subcapítulo **A criatividade da favela paulistana do novo milênio**, dá continuidade ao trabalho de Ferréz, desta vez como homem de negócios e empresário. Em seguida, falo sobre o projeto Sarau da Cooperifa, alternativa cultural que traz reuniões de saraus à periferia. O encerramento deste subcapítulo se dá com a história de Reginaldo de Túlio e seu sonho de trazer o cinema para a periferia através de uma oficina de cinema criada na comunidade de Heliópolis. Suas oficinas têm aberto as portas da favela para o mundo e as portas do mundo para a favela.

A conclusão do capítulo II, não se trata do resumo de um capítulo em si. Ela significa o que penso em relação aos movimentos surgidos nas favelas contemporâneas. Ela representa um momento de ebulição pelo qual as favelas cariocas e paulistanas têm passado. E quando falo de ebulição, ou algo prestes a explodir, não me refiro a algo que está para ser destruído, como foi o caso da explosão causada pelo crescimento negativo das drogas e da criminalidade em áreas consideradas marginais. Falo de explosão e não implosão. Falo de uma efervescência positiva das coisas boas que existem na favela. Refiro-me a algo que mescla, não de algo que fragmenta. De fato, se existe algo primordial a ser destruído, isto seria o ter ou não ter direitos que distancia a comunidade do asfalto. A efervescência que menciono, criada pelos acontecimentos atuais é o que manifesta a capacidade de indivíduos da favela de pertencer ao asfalto e que leva o asfalto à favela, conduzindo ambos os lados - ao mesmo tempo em que extingue o conceito de "lados", já que não existirá mais bordas - a um sentimento de igualdade.

Capítulo I

A favela na História: ficção e realidade

1. História da favela no Rio de Janeiro e em São Paulo

Para que se compreenda melhor a situação das favelas do presente, é necessário que entendamos como se deu a formação e surgimento de tais comunidades no passado. A primeira favela de que se tem registro no Brasil foi (des)organizada no morro da Providência, na zona portuária do Rio de Janeiro, no fim do século XIX. De acordo com Zaluar e Alvito (2006), em 1887, os soldados que foram enviados como participantes da Guerra de Canudos, na Bahia, exigiram do governo a aquisição de casa própria como prêmio de luta em combate. Em seu retorno ao Rio de Janeiro após a guerra os ex-combatentes se depararam com falta de moradias e benefícios do governo para a obtenção ou a construção de novas casas. A falta de incentivos do governo permitiu que habitações temporárias de madeira, os famosos barracos, fossem construídas no terreno irregular daquele morro, o que contribuiu com a degradação da cidade e deu início a um fenômeno no setor sócio-residencial. Este fenômeno negativo se multiplicaria e se espalharia pela cidade ao longo dos anos. Curiosamente, o nome favela tem origem em uma região do sertão da Bahia chamada Favela, onde os soldados da Guerra de Canudos acampavam e onde havia vasta vegetação com o mesmo nome da região. Assim sendo, o ajuntamento de barracos de madeira inicialmente construídos por tais soldados, também herdou esse nome.

É importante que se mencione um tipo de moradia bastante semelhante à favela e que atuou como precursor da mesma. Estes foram os cortiços. Os cortiços podiam ser constituídos de um casarão com um ou mais andares com diversos cômodos, com somente um ou poucos

banheiros e um quintal que eram compartilhados por vários moradores. Cada família ou indivíduo ocupava um desses cômodos. Outro tipo de cortiço seria uma vila com minúsculas casas. Em geral, tanto as favelas como os cortiços apresentavam uma forma peculiar em sua extensão e ambiente: construções aglomeradas, barulho e algazarra, pouca higiene e moradores sem muitas perspectivas de vida. No entanto, seria injusto dizer que todas as favelas e todos os cortiços seguiam este tipo de estrutura, já que toda regra tem sua exceção. Uma obra literária que exemplifica muito bem a estrutura de um cortiço e que funciona como representante daquele período histórico, é o romance *O cortiço* (1890), de Aluisio de Azevedo¹.

De acordo com o citado acima podemos notar que as favelas do fim do século XIX, bem como as que surgiram com o passar dos anos, - como veremos no desenvolver deste trabalho - mantiveram-se semelhantes a seus predecessores: vielas estreitas, esgotos sanitários e encanamentos insuficientes, pouca higiene e serviços básicos que não supriam a demanda. Tanto os moradores de cortiços como os de favelas, indivíduos com baixa renda, pouca instrução e geralmente sem emprego fixo, necessitavam de um local que facilitasse sua locomoção pela cidade, um lugar onde pudessem estar próximos de seu local de trabalho. Acima de tudo, creio que estas pessoas, ali se instalavam por não terem lugar melhor para viver. Este foi o caso de minha avó, que em 1948, encontrou no amplo terreno da recém-formada favela do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro, uma oportunidade de escapar das dificuldades.

¹A obra em questão se desenrola em um cortiço da zona sul do Rio de Janeiro. Sua estrutura é formada por pequenas casinhas, habitadas por famílias pobres e trabalhadores de diversas origens. De um lado do cortiço está seu dono, um comerciante pobre, avarento e ambicioso, que com o tempo busca o refinamento e a ascensão social. Do outro lado mora uma família aristocrática, mas um tanto decadente, que se alia ao rico comerciante emergente em busca do poder. Um traço marcante da obra é a influência que o ambiente do cortiço mantém sobre os personagens do livro, já que a obra tem o Determinismo como uma de suas características. Assim sendo, seus personagens se deixam conduzir pelo meio que os cerca, tornando-se produto do mesmo.

Como antes mencionei, os cortiços e favelas eram desestruturados, sem planejamento, e sofriam de falta de saneamento básico e higiene, o que colaborava com a proliferação de vários tipos de doenças como a varíola, a febre amarela e a febre tifoide. Na verdade, de modo algum podemos afirmar que tais doenças eram somente um produto das favelas. O Rio de Janeiro como um todo sofria naqueles anos dos problemas e condições acima citados. Navios vindos do exterior anunciavam que não parariam no porto do Rio, uma vez que os imigrantes facilmente morriam devido ao contágio de doenças abundante na cidade e o Rio de Janeiro de 1902 ficou sendo conhecido como "cidade da morte".

Assim sendo, percebendo a necessidade de um Rio de Janeiro livre de doenças, modernizado, reestruturado e mais atraente para quem vinha de fora, o prefeito Francisco Pereira Passos assumiu naquele ano a reforma da cidade, que ia do remodelamento à limpeza da capital, passando pelo alargamento de ruas e criação de parques. Como resultado, mais de 1.600 prédios residenciais foram destruídos durante o período conhecido como "bota-abaixo". Durante a primeira década do século XIX, o Rio de Janeiro deixou de ser a "cidade da morte" e passou a ser chamada de cidade maravilhosa.

Paralelamente à reforma estrutural, um plano de vacinação focado no cuidado para com a população e no extermínio de doenças foi posto em prática, para o desagrado do povo que, em uma onda de retaliações e rebeliões, - e até mesmo incompreensão - deu início à Revolta das Vacinas. Além dos motivos já citados, os revoltados não tinham fé na eficácia da vacina e assim transformaram a cidade em um campo de guerra com piquetes e confrontos de vários tipos. Finalmente, o governo venceu a batalha e manteve seus planos. Como resultado, cortiços foram derrubados, ruas reurbanizadas e novas praças construídas. Nos novos espaços criados, não haveria lugar para a pobreza. Desta maneira, os antigos moradores daquela área, sem um salário

que fosse o bastante para o pagamento de aluguéis, - inflacionados depois das reformas - ou para a compra de novos imóveis, se mudavam para bairros mais distantes ou aumentavam o número de habitantes de morros e favelas. Estas, a partir do ano de sua inicial instauração, como mencionei no primeiro parágrafo deste estudo, tornavam-se assustadoramente robustas, vindo a fazer parte do cartão postal da cidade maravilhosa. Neste cenário de proliferação e crescimento favelístico, paralelo ao surgimento de uma cidade mais moderna, o século XX é presenteado com uma paisagem urbana bastante inusitada. De um lado, desenvolvem-se a beleza e o progresso ambicionados pela burguesia e os mais abastados. Por todos os lados, de forma silenciosa, porém acelerada, cresce uma sociedade que em seu abandono se subdesenvolve à margem.

Quando ponho sob perspectiva a cidade de São Paulo, percebo que esta foi uma outra metrópole que passou por um processo de gentrificação alarmante, uma vez que o surgimento de favelas nesta capital não ocorreu de forma muito diferente daquele vislumbrado no Rio de Janeiro. No fim do século XIX, o desenvolvimento da cafeicultura, que transformava a cidade no grande centro econômico do país, passou a exigir uma demanda de mão de obra em larga escala. Esta mão de obra foi fortemente representada pela figura do imigrante, que veio a constituir grande parte da população. Os primeiros a contribuírem com o crescimento da demografia e da economia da cidade e do país, entre outros fatores, foram os alemães que por lá chegaram em 1827. Os asiáticos, em maioria os japoneses, vieram fazer parte da grande massa de imigrantes somente no fim da primeira década do século seguinte. A partir daí, com crescimento financeiro e expansão urbana vertiginosos, mudanças sociais e econômicas ocorreram, fato que contribuiu para a formação de um parque industrial paulistano. Como resultado deste desenvolvimento, houve necessidade de investimentos em uma cidade mais modernizada. O processo que ocorreu no Rio de Janeiro se repete em São Paulo. Cortiços são postos abaixo, moradores expulsos de

suas casas e a favela toma conta. No entanto, é interessante notar que o relevo de São Paulo, diferentemente do relevo do Rio de Janeiro, dá origem à formação de uma favela menos peculiar, a chamada periferia, que não subiria os morros, mas que em grande parte se espalharia pela cidade horizontalmente.

No tocante ao crescimento populacional brasileiro e a formas de habitação encontradas pelas camadas mais pobres da população desde o surgimento da primeira favela no Rio de Janeiro em 1887, passando pelo "bota-abaixo" de 1902 e ao longo de todo o século XX, várias foram as propostas de mudança no país. Por cerca de 60 anos, o problema da falta de moradia ainda assolava as classes menos privilegiadas da sociedade brasileira, em especial em grandes capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo, foco de minha pesquisa.

2. História moderna da favela

Nos anos sessenta a promessa de reforma agrária tornava-se assunto de domínio público e sonho de muitos trabalhadores rurais. Por outro lado, na última metade do século passado, as invasões de terrenos baldios e áreas improdutivas tanto no campo como nas capitais continuavam a ganhar vulto. Estas invasões podem ocorrer como forma de ocupação ilegal ou legal, sendo esta última autorizada, permitida e até incentivada pelo governo.

Um exemplo de projeto de mudança legal e com a participação do governo ocorreu na época do "bota-abaixo" no centro do Rio. Outro grande exemplo deste caso foi o que deu origem à Cidade de Deus, comunidade criada em 1960 na zona oeste do Rio de Janeiro. No início de sua formação a Cidade de Deus se caracterizou pelo ajuntamento de pessoas pobres e rejeitadas vindas de várias outras favelas. A seguir cito alguns dos motivos pelos quais famílias e bairros são transferidos para outras áreas habitacionais.

1- A favela é atingida por algum tipo de inundação, deslizamento de terrenos ou desmoronamentos. É importante que se saiba que muitas favelas são construídas em áreas impróprias ou de alto risco e por isso propensas a tais acidentes.

2- Incêndios assolam determinadas regiões. Estes incêndios várias vezes são causados pela explosão de botijões de gás, por acidentes na rede elétrica ou por acidentes caseiros.

3- Alguma obra, como um novo viaduto ou parque, está sendo planejada em terreno previamente ocupado. Nos anos 70 o Rio de Janeiro conviveu com a mudança e deslocamento de diversas famílias devido à implantação do metrô carioca. Vale ressaltar que pouco tempo depois algumas das áreas desabitadas eram ilicitamente reocupadas no formato de pequenas e (mais) miseráveis favelas, algumas com esgoto a céu aberto e até mesmo barracos de papelão, por vezes construídas sob o viaduto do próprio metrô (um claro exemplo deste tipo de favela foi aquela construída e mantida ao longo dos anos 80, sob o viaduto do metrô que corta um trecho da favela do Jacarezinho). Sobre o Jacarezinho falaremos mais adiante. Em outros casos, suspeita-se que alguns destes projetos de deslocamento demográfico se dê pela simples intenção do governo de esconder as favelas e áreas pobres da cidade porque tais comunidades enfeiam a região. É dito que este tem sido o meio encontrado por certos governantes para "esconder" parte da população dos olhos da classe dominante, mantendo-os longe das regiões mais ricas e belas da cidade. O filme *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles narra a história da origem e formação da Cidade de Deus, que se deu pelo deslocamento de diversas famílias de favelas distintas do Rio de Janeiro. Buscapé, um de seus personagens principais e narrador do filme, explica o ocorrido quando diz:

Nós chegamos na Cidade de Deus com a esperança de encontrar o paraíso.

Um monte de famílias tinha ficado sem casa por causa das enchentes e de alguns incêndios criminosos em algumas favelas. A rapaziada do governo não brincava. Não tem onde morar? Manda pra Cidade de Deus. Lá não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha ônibus. Mas para o governo e os ricos, não importava o nosso problema. Como eu disse, a Cidade de Deus fica muito longe do cartão postal do Rio de Janeiro.

Utilizo as palavras do personagem Buscapé porque, mesmo de forma fictícia, elas dão um claro exemplo do ocorrido em diversas comunidades do Rio de Janeiro.

Uma questão a ser analisada nesses projetos governamentais é que muitos destes remanejamentos, seja pelo embelezamento ou pela criação de uma melhor infraestrutura da cidade a partir do isolamento de parte carente da mesma, não solucionam a questão, apenas a adiam expandindo o problema em si. Foi o que ocorreu na Cidade de Deus, um favelão que foi constituído através da aglomeração de muitas outras comunidades: vários problemas menores geraram um problema mais sério e de maior porte. Eu particularmente acredito que haja alguns projetos do governo que visam esconder a pobreza da cidade. No início de 2010, a prefeitura do Rio de Janeiro investiu uma fortuna em milhões para erguer barreiras de acrílico ao longo da Linha Vermelha. Da via expressa, uma das principais linhas de acesso ao aeroporto internacional do Rio de Janeiro, o visual que se tem ao longo de boa parte do caminho, agora em parte escondido pelo muro, é o de favelas. Se as barreiras de três metros de altura foram criadas para a proteção de moradores das favelas próximas contra atropelamentos, como alguns já alegaram, ou se para esconder do visitante a visão nada agradável da favela, isto nunca saberemos.

3. Minha vida na favela

Minha opinião e testemunho em relação ao crescimento, abandono e preconceito dos morros e favelas do Rio de Janeiro, bem como em relação ao seu desenvolvimento se dá de maneira bem particular. Eu, ex-morador de favela, nasci e cresci no Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro. O local, hoje em sua totalidade constituído por casas de alvenaria, não foi sempre assim. No meu tempo de menino, no fim dos anos 60 e início dos anos 70, bem me lembro de frágeis e desconfortáveis barracos com paredes de madeira e telhados de zinco. Muitos destes foram construídos à beira de um rio que corta a comunidade. Assim como os cortiços e as favelas tradicionais da cidade, estes barracos eram habitados por pessoas que não possuíam condições financeiras para reformar suas casas ou muito menos para mudar de localidade. Um problema alarmante e corriqueiro eram as enchentes que atingiam essas construções desestruturadas. Em lugares como estes, com a chegada das chuvas, o rio transborda e as casas inundam. Contudo, é importante ressaltar que o problema de inundação nem sempre foi enfrentado apenas por moradores de barracos, mas também por outros que vivem em casas de alvenaria. Com o passar do tempo, a prefeitura pôs abaixo os barracos de madeira do Jacarezinho, investiu no saneamento dos esgotos de algumas ruas e trabalhou no processo de escoamento do rio. Ainda assim, atualmente, algumas casas da região ainda enchem de água sempre que ocorre uma chuva mais forte. A causa é que alguns moradores não têm sido propriamente educados e ainda fazem do rio um local para o despejo de certos tipos de lixo que impedem o livre fluxo da água que sai dos esgotos.

O desenho de uma favela em nada se assemelha a um bairro de classe média. Um detalhe que caracteriza quase todas as comunidades são suas vias de comunicação, que se resumem a poucas ruas para passagem de automóveis e muitíssimos becos. No Jacarezinho não é diferente. Entre as muitas lembranças que trago da minha infância, uma ainda é bastante viva: as ruas e

vielas de terra batida. Lembro claramente do momento em que suas vias principais foram asfaltadas pela primeira vez. A pavimentação dos becos, quando realizada, geralmente é feita por um ou outro morador mais consciente. Ainda assim é justo afirmar que este "cuidado" do governo em asfaltar ou reparar as ruas da comunidade quase sempre se dava em ano de eleições. Nesta época, os políticos brasileiros descobrem a existência da favela e a importância de seus habitantes enquanto eleitores. Eleições à parte, buracos iam e vinham. Buracos ainda vêm e vão. Ora pelo desgaste ou pela chuva, ora por causa de algum esgoto estourado. Vale mencionar que mesmo ao longo de todos esses anos, as ruas do Jacarezinho continuam mal pavimentadas e esburacadas.

Apesar de pobre como qualquer outra favela, o Jacarezinho tem suas vantagens. O local permite acesso fácil e rápido para o centro da cidade, com transporte quase sempre eficiente como o trem e o ônibus. Lá o morador também pode contar com o metrô, que fica em um bairro fronteiriço a menos de dois quilômetros da favela. Este último oferece a seus moradores certo conforto e comodidade. Esta facilidade de acesso e locomoção é um dos principais fatores que contribuem com o aumento demográfico de muitas comunidades.

4. As obras de Carolina Maria de Jesus

Quando me recordo das dificuldades da vida na favela, me vem à mente a narrativa e história de outra ex-favelada e abro parênteses para que tal apresentação seja feita. Falo de Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de despejo* (1960), *Casa de alvenaria* (1961) e *Diário de Bitita* (1986). Carolina Maria de Jesus viveu por muitos anos de maneira miserável em um barraco na favela. Ali ela escreveu boa parte de seus diários e através da literatura conseguiu melhorar de vida e mudar-se da favela para o mundo. Carolina Maria de Jesus é considerada a precursora da literatura marginal, já que foi moradora de favela e escreveu sobre a favela. O

termo marginal tem duplo sentido. É utilizado para descrever tudo que está na periferia, geograficamente à margem e também para denominar àqueles que não se adaptam à lei e que vivem à margem da sociedade: os marginais (aqui com o sentido de criminosos). Vale ressaltar que a literatura marginal relata a vida na periferia, ao mesmo tempo em que é criada por indivíduos que ali residem.

Se por um lado os romances de Carolina Maria de Jesus fazem parte da literatura brasileira, e isto é fato, o que muito me atrai em sua obra é o modo como ela as cria. Carolina utiliza-se da auto-etnografia. Ela não cria personagens. Seus personagens são o meio em que vive, as situações que enfrenta, suas próprias experiências e ela mesma. Ela representa a maneira como este estudo se apresenta e como o mesmo tem sido executado: baseado muito mais em situações reais, vividas e experimentadas do que em teorias e ficção.

Em *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus revela o que escrevera nos anos anteriores a sua saída do Canindé, favela de São Paulo, em 1961. No barraco humilde, a autora gritou em silêncio por vários anos. Com seu português da escola primária que durou apenas dois anos, ela foi juntando em pedaços de papel o que seus olhos viam e, finalmente, ao ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, seu grito saiu da escuridão e da favela para ganhar o conhecimento e reconhecimento do Brasil e do mundo. Sua maior companheira depois de si mesma era a fome. Aliás, sua autobiografia não vem com créditos de personagens, mas se assim o fosse, teria a fome encabeçando o topo da lista e seguida por outros desmazelos.

Maior de 1960, justamente o mês em que é celebrada a libertação dos escravos no Brasil, deve ter sido de extrema importância para Carolina Maria de Jesus, pois foi naquele ano que sua vida começou a tomar novo rumo. Naquele ano ela teve sua primeira obra lançada ao assinar

contrato com a Livraria Francisco Alves, iniciou sua carreira de escritora e finalmente livrou-se das personagens que mais a inspiravam: a fome e a favela. Ironicamente, dois dos objetos que a conduziram à literatura e à popularidade. Fora da favela, *Casa de alvenaria* surgiu como um relato que conta sua ascensão sócio-econômica. É um livro que não contém o peso de melancolia dos outros dois aqui analisados, mas que ainda carrega em si o senso crítico e de denúncia iniciado em *Quarto de despejo*. Carolina, no começo da narrativa de *Casa de alvenaria*, que já dá traços de sua ascensão, destina-se basicamente a comparar sua vida na favela, a falta de comida e as injustiças aliadas à miséria, com a vida nova que inicia. Isto é notado no momento em a escritora vai à livraria receber a primeira parte do dinheiro e assinar contrato pela edição de seu primeiro livro: "... a minha cor preta não foi obstáculo para mim. E nem os meus trajés humildes" (14). Sempre falante e educada com todos, percebe que sua popularidade e o fato de ser escritora falam mais alto que a cor de sua pele: "agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela" (17).

Carolina, que vira celebridade nacional, aparece na TV, nos jornais, dá muitas entrevistas, viaja de norte a sul. Por onde passa, observa e escreve. Ao saber do lançamento do livro, mostra-se apreensiva: "Eu sei que vou angariar inimigos porque ninguém está habituado com este tipo de literatura" (30). Ela tinha razão, pois no dia em que saiu da favela, houve grande comoção. Atiram-lhe pedras e uma vizinha ainda lhe disse "você vai embora para não apanhar" (46). Não acredito que toda raiva e despeito de seus antigos vizinhos tenham surgido pelo que ela escreveu em seu diário, mas esta seria muito mais uma reação ao fato de que Carolina estava se livrando daquele ambiente sujo para seguir em direção a um mundo com mais oportunidades. Carolina significou com certeza, na cabeça dos que a agrediram, uma pessoa que os traiu, em outras palavras, "Carolina não é mais uma de nós".

Em 1982, o livro póstumo *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, foi lançado no mercado. A escritora, de obras compostas em quase sua totalidade por relatos autobiográficos e denúncias sócio-políticas, não viveu para usufruir um pouco mais dos frutos e dos benefícios que sua curta vida como escritora lhe proporcionaria. Morreu em 1977. A obra baseia-se em memórias da autora e abrange um período que vai de sua infância ao início de sua vida adulta. Assim sendo, apesar de ter sido lançado 22 anos depois de seu primeiro livro, *Diário de Bitita* narra o que Carolina viveu antes de sequer pensar em tornar-se escritora.

Carolina Maria de Jesus lançou sua primeira obra meia década antes de eu nascer. Com isso, há um distanciamento de cerca de 10 anos, às vezes mais, às vezes menos, entre a favela de minha infância e a favela de Carolina. Apesar dos anos que nos distanciam, concluo claramente que o abandono das comunidades por conta do Estado, num período que vai do início do século 20 até o fim deste, em pouco se diferencie. Tendo em vista os diários de Carolina Maria de Jesus e meu testemunho enquanto morador da favela do Jacarezinho, procuro traçar um paralelo que nos permite entender um pouco mais sobre a vida da comunidade de parte do último milênio.

5. Comparações entre o mundo de Carolina Maria de Jesus e o meu

Quando menino, nos longos anos em que as favelas constituíam uma cidade à parte, escondida dentro da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, o fornecimento de água e luz não era nada abundante. Apesar de obtermos água encanada, volta e meia toda a família saía em procissão à procura de alguma casa que tivesse um poço ou uma cisterna e de alguém que estivesse disposto, geralmente o estavam, a nos fornecer alguns baldes de água. Admito que no Jacarezinho de minha infância, lá pelos anos 70, este foi um problema menos grave ou desesperador. O mesmo não ocorria na favela do Canindé. Lá, tanto Carolina quanto seus vizinhos precisavam se dirigir a um poço de água dia após dia e esperar sua vez na fila. Segundo

a narrativa de Carolina, a hora de buscar água no poço e aguardar na fila era um momento que não lhe agradava, pois eram minutos em que seus vizinhos aproveitavam para falar mal da vida alheia. Além disso, há um fato que não é mencionado por Carolina Maria de Jesus: a água proveniente de poços naturais é um tipo de água salobra, desagradável ao paladar e desaconselhável para o preparo de alimentos. É claro que na falta de algo melhor, esta servia bem. A água que recolhíamos em poços no Jacarezinho, ao contrário da água de cisternas, era utilizada para lavagem e para o banho.

Quanto ao fornecimento de luz elétrica, benefício que devia existir nos anos de Carolina de forma precária, era algo farto no Jacarezinho. Quando menino a população da comunidade era bem menor e o fornecimento supria a todos de forma regular. Apesar disso, a queda de energia que de vez em quando se fazia presente, não nos permitia abrir mão do lampião ou de velas. Também, diferentemente da autora e de outros tantos moradores do Jacarezinho, nunca tive o desespero de viver em um barraco, muitas vezes feitos por caixas de madeira. Tanto a casa de meus pais, quanto a casa de meus avós, mesmo sendo modestas, eram de tijolos. No entanto, é interessante ressaltar que já em minha fase adulta nos anos 2000, apesar da abundância de água e da convivência em dias cercados por menos restrições financeiras, a falta de luz tornou-se constante motivo de aborrecimento. Com o tempo descobri que devido a instalações elétricas mal feitas e com necessidade de reparos, e suas centenas de fios elétricos emaranhados e sobrepostos uns sobre os outros - em muitas das ruas, becos e vielas do Jacarezinho os fios elétricos posicionam-se com um metro e meio de distância da cabeça do transeunte -, era comum que se desligasse a corrente elétrica em determinada fonte de energia a certa hora do dia, para que se evitasse um curto-circuito, explosão ou incêndio. O fato é que devido à sobrecarga causada por tantos fios, no caso do não-desligamento da energia elétrica, o perigo seria iminente.

Quanto a minha educação, a que obtive em nada se compara àquela que Carolina e seus filhos puderam desfrutar. Se o Jacarezinho hoje oferece escolas a seus moradores, em sua maioria instituições de educação infantil e creches, na minha época minhas irmãs e eu tínhamos que caminhar cerca de dois quilômetros em direção à escola mais próxima. Ainda assim estávamos bem abastecidos. Ao analisar a infância e juventude de Carolina nos quais se baseia *Diário de Bitita*, e o pouco estudo que ela recebeu, percebo em sua narrativa que o alcance à educação para os pobres e negros de sua geração era algo de difícil aquisição. Isto resultou em grande mágoa e ressentimento, mas não desinteresse, por parte de uma autora que resume e compartilha do sentimento de parte da população que com ela se identifica.

Um ponto de reflexão quanto a minha educação primária e secundária em escolas públicas, é o fato de eu jamais ter sofrido preconceitos pelo fato de ser favelado. Quando criança, estudei em escolas localizadas em bairros vizinhos a favelas. Estas escolas são em sua maioria frequentadas por crianças de classe média baixa e crianças criadas na favela. Acredito que este tenha sido um fator crucial para a ausência do rechaço em relação a minha condição: as características em comum compartilhadas pelo corpo de alunos dessas instituições. Éramos em sua maioria pobres ou moradores de comunidades. E quanto aos mais privilegiados, estes tinham ciência da pobreza que se instalava a poucos metros de suas casas. Com isso, as pessoas ao meu redor não mantinham seu foco em potenciais diferenças. Coisa que nem sempre acontecia, em outros meios, já em minha fase adulta. O fato é que posso afirmar que durante minha infância e adolescência, enquanto morador da favela, não passei pelo desprazer de ser rechaçado ou de sofrer preconceitos.

Carolina não teve a mesma sorte. Ela cresceu rodeada pelos preconceitos que sua condição lhe proporcionava. Em certos trechos de seu discurso, ela critica a posição imposta ao

negro e aceita pelo negro. Quando digo negro e não apenas pobre, o faço pelo fato de perceber no discurso da autora uma não-diferenciação entre raça e condição social.

Em *Diário de Bitita*, como já mencionei, a autora nos narra sua infância e juventude, além de sua posição de mulher jovem e inteligente em uma sociedade predominantemente machista e racista. Em sua peregrinação à procura de trabalho, muitas são as diversidades com as quais se depara. Já em *Casa de alvenaria*, Carolina encontra sucesso, dinheiro e popularidade. Neste momento, o sentimento que se faz presente é o de inveja, que culmina com sua saída do Canindé debaixo de pedradas.

Quando criança, a vida de menino de família pobre e de favela não era fácil. Contudo, quando me lembro de Carolina Maria de Jesus e suas dificuldades para aprender a ler, para manter seus filhos na escola e para sobreviver, sinto-me orgulhoso, tanto de mim, quanto dela. Isto porque ambos conseguimos cruzar a barreira invisível causada pela pouca educação, no caso de Carolina, e pela má localização, no caso de todo morador de favela. De uma forma ou de outra, encontro em nossos relatos pontos bastante em comum, bem como pontos de divergência. Estes pontos em comum, assim como aqueles divergentes, nos tornaram vencedores e agradecidos.

Carolina Maria de Jesus sempre dependeu de muito trabalho e ajuda alheia para sustentar seus filhos. Em *Casa de alvenaria*, a autora compartilha sua preocupação em providenciar uma refeição simples, mas que ao menos fosse condigna, para seus filhos. Em meu caso, meu pai sempre ofereceu mais ajuda a mim que a minhas irmãs. Apesar do fato de morar conosco, ele era bastante ausente em sua função de pai. E, se não fosse por minha avó e uma de minhas tias, a

situação de Carolina se repetiria em minha casa. A fome não existia, mas rondava a mesa. A restrição era farta, já que formávamos uma família de seis filhos.

Meu pai era de um comportamento extremamente patriarcal. Suas atitudes a meu favor faziam com que ele procurasse beneficiar a mim, como antes mencionei, em detrimento de minhas irmãs. Este fato, eu assumo: atuou em cada um de nós de modo diferente e foi de grande importância para que eu tivesse força para os estudos e para que minhas irmãs procurassem viver suas vidas sem foco na educação, já que para isso não recebiam muito apoio. Descobri com o passar dos anos que estaria destinado a elas o mesmo papel que fora destinado a minha mãe: o de mãe e dona de casa. Papel este que foi ao longo de muitos anos desempenhado pela maioria das mulheres e aceito pelo senso comum, embora não fosse necessariamente aceito por mim. A mim, único homem daquela família, e como tantos outros da minha geração, estava destinada a função de perpetuador do legado familiar como merecedor de todas as honras. A ironia dos fatos é que os benefícios que obtive com a educação recebida acabaram contribuindo para que meus olhos se abrissem em relação ao real papel de igualdade a ser desempenhado tanto pelo homem quanto pela mulher, se é que creio em papéis previamente estabelecidos. Ao longo dos anos constatei também que "essa valorização do macho" é algo que sempre fez parte da sociedade brasileira e por sua vez sempre esteve (muito mais) presente na favela, onde tudo aquilo tido como ruim e onde todo tipo de preconceito parece ser visto através de um ponto de vista ampliado e bem mais conservador.

Este mesmo padrão de comportamento é percebido através do olhar de Carolina de Jesus, ex-moradora da favela. A autora o narra de maneira crítica e irônica em *Diário de Bitita*. Ao assistir as mulheres brigando e competindo pelos homens, seu objeto de desejo, Bitita, em seu pensamento de criança, de início não parece observá-los como algo indispensável, porém assume

o peso e a medida diferentemente dados aos homens e mulheres de sua sociedade. Por fim ela aceita a necessidade da presença e da força masculina quando afirma que os homens deviam ser algo muito gostoso, ao compará-los com doces para depois finalmente assumir sua vontade de adquirir um:

Eu invejava as mulheres. E queria crescer para arranjar um namorado... Será que homem é tão bom assim? Por que será que as mulheres brigam por eles? Então homem é melhor do que cocada, pé-de-moleque, batatas fritas com bife? ... Será que quando eu ficar grande terei um homem pra mim? Quero um homem bem bonito! (9-10).

Sabemos que a necessidade de se ter um homem por perto era um pensamento muito comum diante de uma sociedade que ainda vislumbrava resquícios patriarcais, como aquela da primeira metade do século 20, quando o homem, principalmente nos meios mais pobres, era considerado figura fundamental e indispensável à sobrevivência da mulher e da família. O motivo para tal me parece óbvio, e Carolina no mesmo texto nos afirma ser, já que naquela época tinham os homens mais chances de ocupar funções com melhor remuneração. Além disso, por influência de sua condição econômica, entre outros aspectos, contavam com mais respeito da sociedade. Assim sendo, a autora cita ainda em sua voz de menina, o desejo de tornar-se homem. Isso ocorre no momento em que ela vai buscar lenha com sua mãe e percebe a força física de um homem ao cortar uma árvore. O pensamento incomum e prematuro da autora, em um mundo onde os homens parecem ocupar um papel superior é demonstrado quando Bitita começa a gritar: "... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher!". E ainda: "... Quero ter a força que tem o homem..." (10-11). Percebo neste comportamento, que Bitita descobre que a força que move a sociedade está nas mãos do sexo masculino, fosse este discurso da autora real ou crítico. Em

outro momento ela quer mudar de sexo para adquirir e realizar aquilo que supostamente só os homens conseguem.

Contrariando o pensamento descrito acima, se a necessidade da presença masculina é tida como relevante na teoria, na prática isso não se concretiza. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, foi criada sem pai. Ao constituir família, de acordo com a narrativa de *Casa de alvenaria*, somente sua filha Vera conhece o pai. Seus dois outros filhos desconhecem os seus. Trazendo isto para a favela de minha infância, e para a favela dos dias de hoje, eu posso afirmar que filho sem pai foi e continua sendo um produto muito comum nas áreas observadas nesta pesquisa. São tipos de famílias como a de Carolina Maria de Jesus e como outras que encontro na minha própria convivência. Uma mãe, vários filhos e, como consta no registro de nascimento das crianças: pai desconhecido.

Contudo, se Carolina quando adulta seguiu o padrão de sua mãe e de outras mulheres ao seu redor, noto na menina Bitita de *Casa de alvenaria*, uma posição que a difere, e muito, em outros aspectos das mulheres de sua época. Ela pensa e confia em suas ideias, ao contrário de mulheres e homens de seu tempo e muitos outros do meu. Esta atitude incomum a torna vítima de preconceito, incompreensão, rejeição e por vezes, ela é até mesmo considerada louca, como uma vez alguém perguntou: "A sua filha é louca?" E sua mãe respondeu: "A aparência é de louca, mas não é" (21). Em verdade, de louca ela não tinha nada. Era sim, alguém que, ao analisar o meio em que vivia, tinha capacidade para tirar suas próprias conclusões. Estava ciente da posição da mulher, do pobre e do negro na sociedade. Ainda menina, ela já percebia a longa distância que separava o negro do branco: a falta de senso político, a falta de acesso à educação, a segregação racial, etc. Assim sendo, o que era imperceptível aos indivíduos da classe C, classe

D e classe E² daqueles tempos, mas perceptível a Carolina, contribuiu muito para seu desenvolvimento intelectual. O motivo que me leva a citar esta faceta de Carolina Maria de Jesus é o fato de perceber nela algo pouco encontrado em pessoas que ocuparam ou ocupam estilos de vida semelhantes ao seu. Eu mesmo, quando menino, por diversos momentos vezes agia como Carolina, e ainda ajo, sempre analisando os fatos por uma perspectiva diferente, em busca de novas oportunidades ou de uma porta de escape. Em uma dessas situações lembro que uma de minhas irmãs perguntou a minha mãe: "a senhora tem certeza que este garoto não foi trocado na maternidade?".

Dou continuidade a esta pesquisa comparando pontos que considero relevantes nos romances de Carolina Maria de Jesus e na vida de qualquer favela: a fome, a pobreza e o abandono. Além disso, depois das experiências de Carolina Maria de Jesus, comparadas às minhas próprias, acrescento acontecimentos e situações que testemunhei ao longo de minha vivência no Jacarezinho, contando minha versão de alguns fatos e procurando esclarecer outros. No entanto, quero que fique claro que a favela de Carolina Maria de Jesus dos anos 50 e 60 era um lugar miserável. A minha, anos depois, apesar de ser uma região pobre e desprovida da atenção do governo, nem tanto.

6. A favela e o preconceito

Quando o assunto é favela, comunidade ou periferia é preciso que fique claro as características que separam e diferenciam sua nomenclatura. Houve um tempo em que o termo favela, para alguém que nasceu e cresceu em uma delas como eu, ao ser mencionado, não

² A Classe C brasileira, até o final da primeira década do novo milênio, era constituída por indivíduos considerados de classe econômica média-baixa, sendo que abaixo deles estavam os da Classe D e os da classe E, considerados da Classe baixa e pobres, respectivamente. Com o crescimento da economia, diminuição das desigualdades sociais, desenvolvimento da habitação e do poder de consumo, entre outros fatores, um grande número de indivíduos foram promovidos às classes econômicas de maior poder aquisitivo, o que aumentou e diferenciou a classe média em todo o país.

durante minha infância e adolescência, como já dito, mas principalmente no início de minha fase adulta em inícios dos anos 90, era geralmente carregado de preconceito por parte de quem falava e vergonha por parte de quem lá vivia. Creio que esse preconceito torna-se mais forte quanto se perde a ingenuidade e se percebe certas desigualdades sociais e econômicas, entre outras. Naquele momento provavelmente me perguntei: "por que tais desigualdades existem?". Vale ressaltar que esses preconceitos partiam daqueles que viviam em bairros mais distantes e sem qualquer contato com a favela, ao contrário daqueles com os quais a favela sempre esteve geograficamente conectada. Para estes últimos, a favela nunca foi motivo de surpresas, pois representava simplesmente uma região com moradores mais pobres, porém colada à sua. Contudo, hoje em dia, e principalmente por parte dos moradores de uma favela, chamá-la de comunidade passou a ser um eufemismo, uma maneira de negar as dificuldades e problemas ali existentes e até de dar-lhe um melhor status. Isto não quer dizer que a favela não deixe de formar uma comunidade, já que a mesma constitui um agrupamento de pessoas. O preconceito dirigido à favela, cada dia em menor escala, como veremos mais adiante, existe ou já existiu por conta do próprio morador da região. Acredito que, seja como uma ação de reflexo ou de proteção às atitudes que se espera do outro, é possível que os preconceitos que estigmatizaram as favelas e seus moradores ao longo dos anos atuem como algo pré-existente e pré-concebido no pensamento deste morador. Em outras palavras, alguns moradores da favela, talvez inconscientemente, também carregam consigo vergonha e rechaço contra a área em que vivem. O que, que esteja bem claro, pode ter sido, mas não é mais o meu caso. Quanto à periferia, ela nada mais é do que um bairro localizado e/ou posicionado distante do centro de determinada capital. Este está à margem de determinada região e pode ser carente ou não, o que significa que nem toda periferia pode ser chamada de favela. E vice-versa. Apesar disso, muitas das

comunidades pobres e favelas, especialmente de São Paulo, assim são denominadas. Há ainda as favelas estabelecidas nos morros, como o Complexo do Alemão no Rio de Janeiro. Em resumo, existem favelas planas, favelas periféricas e favelas nos morros. Todas estas podem ser chamadas de comunidade, seu nome genérico e aceito por todos.

Falando mais sobre o assunto preconceito, se quando criança este por mim não fora sentido, na minha fase adulta, já em busca de empregos, era comum que eu e meus amigos providenciássemos um endereço de amigos ou parentes que viviam fora da comunidade, pois desde já sofríamos pelo que nossa condição de morador de favela pudesse nos causar: nossa não-aceitação no mercado de trabalho. Se isto de fato ocorreu, foi de maneira velada. Nunca o soube na verdade. Com o tempo, passei a ignorar tal preconceito e receio de ser rechaçado. Não sei se devido a mudanças corridas dentro da comunidade, se devido a meu amadurecimento e aceitação de minha posição na sociedade, ou se devido à percepção de mudanças ocorridas nas mentes das pessoas de fora da comunidade, esse endereço falso deixou de fazer parte de meu currículo. O fato é que ser favelado, e vencedor, deixou de ser motivo de vergonha para se tornar motivo de orgulho.

Apesar do não-preconceito direto, já nos anos 90 e 2000, houve um tempo em que empresas de entregas a domicílio se recusavam a atuar na favela e, se precisássemos de um táxi na porta de casa, dificilmente o conseguiríamos. Este foi um período em que o território da favela tinha se tornado um lugar que afugentava as pessoas de fora, pois sua fama negativa estava em ascensão. Não era medo do que não se conhecia, não era questão de preconceito, em anos que a favela era mais conhecida como reduto de malandros e gente desocupada, ou medo da pobreza, como ocorria na favela de Carolina. Era medo de uma violência real sobre a qual logo darei mais detalhes. As justificativas da não-prestação de serviços à comunidade eram muitas. A

mais usual era aquela que dizia que o entregador trabalhando para esta ou aquela empresa tinha medo de entrar na favela, pois esta, com seus tiroteios frequentes, por muito tempo foi considerada área de risco e de alta periculosidade.

7. A favela e a diversidade racial

Em anos de globalização, há ainda muitos que desconhecem fatos concernentes ao estilo de vida destas regiões. Outros tantos talvez curiosamente ainda se perguntam: que tipo de gente vive ali? Serão todos os moradores de uma comunidade carente, totalmente pobres, negros e sem estudos? Como sempre dizia uma antiga vizinha, "a favela é um lugar onde há de tudo para todos". Todos são bem-vindos, não importando seu nível cultural, social, econômico ou religioso. E mais importante: em uma favela, o que menos importa é a cor da sua pele.

Com o assunto cor da pele em mente, pela primeira vez parei para pensar qual seria a cor de uma favela. Desta forma, sem a necessidade de um censo formal, puxei um pouco pela memória e comecei a observar as famílias mais próximas de mim no Jacarezinho de acordo com suas características físicas. Na favela, conheço pessoas com estudo e pessoas simples. Compartilho com estas meus problemas e conheço também os seus. Assim sendo, os sujeitos que estudo não foram escolhidos, mas analisados por se tratarem de pessoas próximas. Amigos e vizinhos, o que, creio eu, facilita minhas conclusões. A primeira coisa que fiz foi colocar no papel as famílias que me vinham à mente, com o cuidado de que todas estivessem em sua terceira geração e que todas as gerações se enquadrassem nos grupos propostos. Selecionei então três grupos. O grupo I é constituído por brancos, com pessoas de pele bastante clara, traços finos e cabelos lisos ou ondulados, porém finos. Alguns destes podem ter olhos claros. O grupo II é constituído por negros, com pessoas de cabelo crespo, pele escura e sem traços de mestiçagem. Neste grupo não há olhos claros. Por último, o grupo de famílias pardas e com indivíduos de

padrões variados. Neste grupo, alguns têm a pele clara, mas seus cabelos são crespos, ou são de pele mais morena também com cabelos crespos. Enfim, neste grupo como um todo, a mestiçagem predomina, sendo alguns com pele mais clara e outros com pele mais escura. O padrão de cor da pele e traços como nariz afilado ou achatado varia muito. Neste grupo, talvez o pai ou a mãe se enquadrasse no grupo de brancos ou de negros, no entanto estou analisando a família, que é parda. No momento em que me lembrava de algumas famílias, as separava de acordo com o grupo ao qual pertenciam. O resultado coincidentemente exato me levou a 10 famílias brancas, 10 famílias negras e 30 famílias pardas. De acordo com minha estatística, concluo que, ao menos no Jacarezinho, mais da metade de seus moradores são pardos (60%); os outros 40% se dividem igualmente entre negros (20%) e brancos (20%). Entretanto, se estes foram os índices que encontrei no Jacarezinho, esta pequena amostra retirada da favela, vai de encontro aos números encontrados em censo que demonstra a diversidade racial brasileira. De forma oficial e de acordo com o censo de 2010, 47,7 % dos brasileiros caracterizam-se como brancos; 7,6% caracterizam-se como negros; 43,1% caracterizam-se como pardos; 1,1% caracterizam-se como amarelos e 0,4% caracterizam-se como indígenas. Um ponto a ser observado quando comparamos meu levantamento com o censo oficial do Brasil é que ambos demonstram uma mesma realidade: há um número bastante considerável de pardos tanto dentro como fora da favela. Vale ressaltar que em censos oficiais como o citado nesta pesquisa, a cor da pele e a denominação racial de cada indivíduo se caracterizam de acordo com a escolha do próprio indivíduo.

8. A economia da favela

A favela não é só uma região de diversidade racial, mas é também um lugar de diversidade para negócios. Qualquer um que pare e observe o fluxo de pessoas caminhando pelas

ruas apinhadas de uma favela como o Jacarezinho, consegue perceber a ideia do comércio dinâmico ou das oportunidades variadas que ali surgem. Mesmo antes da instalação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), assunto sobre o qual falarei mais adiante, as favelas, principalmente as mais populosas como o Jacarezinho e a Rocinha sempre foram, devido ao seu grande número de habitantes, local com variados tipos de oferta e procura. Vale ressaltar que nem todas as comunidades do Rio de Janeiro possuem UPPs, projeto ainda em expansão. Nestas regiões não se paga pela água consumida, todas ou quase todas as casas possuem "gatos" de eletricidade. O "gato" é uma instalação elétrica através do qual o consumo de eletricidade não consegue ser calculado pela companhia que a fornece, o que permite alto consumo por um pagamento irrisório. A internet costuma ser compartilhada. Os moradores da favela não pacificada e que ainda é considerada zona de risco não conseguem acesso a certos confortos encontrados no asfalto. Moradores e residências localizados fora da favela, que convivem em um ambiente com infraestrutura diferenciada, geralmente com todas as suas ruas e estradas asfaltadas, onde veículos como carros e ônibus transitam livremente são chamados "do asfalto". A diferenciação é clara: morador do morro (ou da favela, mesmo que esta seja asfaltada) e morador do asfalto. Devido à falta de espaço em becos e vielas de uma favela, o acesso de veículos no local nem sempre é possível. As expressões "do asfalto" e "da favela" são comumente utilizadas para contrapor a favela a bairros urbanizados. Com isso, alguns moradores pagam determinada quantia de forma ilegal a alguns funcionários escusos de empresas provedoras e conseguem acesso de comunicação via internet. Este mesmo morador compartilha sua rede com amigos ou com quem se dispuser a pagar o valor estipulado pelo serviço, o que faz dele um pequeno empresário. Para que se tenha acesso à TV a cabo, a famosa net-gato, o processo também se desenrola de forma desonesta, mas neste caso, existe um pequeno escritório

equipado, em algum lugar da favela, que a polícia mais de uma vez pôs abaixo, de onde o sinal é emitido para as residências de moradores interessados. O serviço, nem sempre apresenta boa qualidade, mas é prestado a preços convidativos e supre àqueles das empresas de TV a cabo oficial. Diferentemente do morador que fornece e compartilha sua internet, "o grupo empresarial" da net-gato trabalha de forma organizada e seu alcance é bastante amplo, o que o coloca em um patamar distinto e conseqüentemente na mira da polícia.

Desta maneira, para aqueles dispostos a enfrentar os riscos de viver na favela, investir na comunidade pode se tornar um bom negócio. Quando falo de riscos, me refiro à intranquilidade que trazem o comércio de drogas, as incursões policiais e a troca de tiro entre traficantes e policiais.

É importante mencionar que, ao observar o comércio tradicional da localidade, percebo estabelecimentos que ali estão desde que nasci. Lojas de roupas, bares, sapatarias, mercados, padarias e açougues são os negócios mais duradouros. Os setores de alimentos, tanto formais quanto informais, crescem à medida que a população procria. Como muitas diferenças que distinguem a vida na favela da vida no asfalto, é interessante citar que variados estabelecimentos da comunidade, há anos instituídos, pertencem em sua quase sua totalidade a indivíduos brancos. Estes, apenas utilizam o local para seus negócios. Suas residências são no asfalto. Desta forma eles consomem o melhor da região, mas seu sono é tranquilo. Ao contrário destes, há outros que possuem comércios menores ou alternativos como barraquinhas e pequenos quiosques que oferecem refeições caseiras, sopas, salgados, sanduíches, refrescos, etc. Em grande parte, os donos destes pequenos negócios não possuem casa fora. Eles trabalham e vivem nas favelas. Há também uns poucos de fora que descobriram a possibilidade de ganhar dinheiro no local e diariamente "passeiam" na favela com seu carrinho de produtos. Vale acrescentar que muitos

destes comércios informais são posicionados e construídos sem licença da prefeitura, o que significa que com a instalação das UPPs e consequente urbanização da favela, tais comércios podem vir a sofrer danos. O mesmo certamente vai acontecer com as facilidades que antes mencionamos como a água de graça, luz de "gato" e internet/TV a cabo ilegal.

9. A nova favela e o narcotráfico

No fim da década de 90, a prefeitura do Rio de Janeiro, com a colaboração e patrocínio do Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), beneficiou algumas favelas com reformas como o alargamento de ruas e criações de vias de esgotos. No Jacarezinho, as modificações alcançadas contribuíram para seu comércio mais profícuo: o tráfico de drogas. O alargamento de algumas das ruas da favela, como a Comandante Gracindo de Sá, onde vivi e onde ainda vive parte de minha família, permitia aos comerciantes do tráfico em suas possantes motocicletas, passagem expressa de entrada à comunidade e por grande parte desta, além de fácil acesso à favela de Manguinhos e a uma das avenidas mais movimentadas da zona norte, a Avenida Suburbana. Depois das obras esta avenida foi rebatizada como Avenida Dom Helder Câmara³.

Durante os anos em que diversas comunidades do Rio de Janeiro passam por reformas de saneamento e urbanização no fim do milênio, aumenta a explosão da venda de drogas e da violência, fato que culmina com a implantação das atuais UPPs. Enquanto algumas favelas do Rio de Janeiro viviam mudanças de estrutura, desenvolvimento e segurança, as periferias de São Paulo vislumbravam mudanças através da literatura. Um dos principais movimentos surgidos nos últimos anos frutificou nas periferias da cidade e foi por isso (também) denominado de literatura

³ Dom Helder Pessoa Câmara, arcebispo da Igreja Católica falecido em 1999, foi um grande defensor dos direitos humanos no Brasil durante o regime militar. Ele era a favor da liberdade e dos pobres, e sempre lutou contra a violência. Dom Helder foi um dos defensores da Teologia da libertação no Brasil, que entre outras coisas, vai de encontro à condições econômicas injustas.

das margens, ou literatura marginal. Neste subcapítulo traço uma linha entre a literatura e o narcotráfico porque as obras que analiso (*Capão Pecado* e *Manual Prático do ódio*) e que foram fundamentais para a explosão do movimento literário em questão carregam em primeiro plano a vida de personagens diretamente envolvidos com o crime e o narcotráfico, bem como as consequências que sua atuação trazem aos moradores da favela.

A literatura marginal, sem desmerecer Carolina Maria de Jesus que no início dos anos 60 tão bem descreveu o dia a dia na favela do Canindé, encontrou imensa popularidade nos anos 90 e teve no escritor Ferréz um de seus grandes ícones. Vale dizer que no Jacarezinho presenciei situações que foram descritas tanto na favela real de Carolina Maria de Jesus quanto na favela fictícia narrada por Ferréz. É importante observar que ao chamar a favela de Ferréz de fictícia, o faço não por acreditar que de fato o seja, mas sim por não ter provas para afirmar se aquelas personagens, cenas, situações de violência e miséria realmente tenham sido vividas ou testemunhadas pelo autor. Por outro lado, parece-me claro que enquanto morador de favela, seja plausível que Ferréz utilize suas próprias experiências como material de trabalho.

Antes de focar e analisar parte da obra e personagens do autor, comparar sua maneira de escrever à de Carolina Maria de Jesus, e descrever a favela de ambos, cito as palavras do pesquisador Fernando Villarraga Eslava, que de modo claro resume o que significa e como se deu o surgimento da literatura marginal:

... sem pedir qualquer licença às autoridades da cultura oficial e canônica ... os subalternos do Brasil contemporâneo decidiram invadir de forma orquestrada o espaço público para lançar suas vozes estridentes e escritas *desengonçadas*, para reclamar seu direito a um nicho na

seleta república letrada ao se considerarem expressão direta e essencial de um "povo composto de minorias, mas em sua maioria um todo". Não disseram como a boliviana Domitila, *se me deixam falar*, porque se apropriaram de vez da palavra escrita para dar fisionomia a suas criações literárias e artísticas. (Eslava, 36)

O romancista, contista, poeta e empresário Ferréz é morador da periferia paulista do Capão Redondo. O autor lançou seu primeiro livro de poemas, *Fortaleza da Desilusão*, em 1997. Seu primeiro romance, *Capão Pecado*, com sua primeira edição em 1999 (depois reeditado em 2005), e *Manual prático do ódio*, de 2003, são os romances de Ferréz que abordo nesta pesquisa. *Capão pecado* tem como pano de fundo a periferia de Capão Redondo, em São Paulo. Ferréz acompanha a vida dura nas comunidades através dos olhos de Rael, um de seus personagens principais, rapaz humilde e de boa educação que resiste à influência do meio que o cerca. O romance ganha corpo através do discurso que relata a difícil realidade das comunidades carentes. Ferréz transita entre a resistência de personagens que sobrevivem em meio às necessidades mais adversas, e à fraqueza de outros que pensam encontrar no crime e no tráfico de drogas um caminho mais fácil para enfrentar a luta. *Manual prático do ódio*, como o título já diz, parece encontrar no ódio a força que move a maioria de seus personagens. Seus acontecimentos também se desenrolam na favela e abordam a vida de uma gangue de jovens que se reúne para planejar um assalto que mudaria de vez suas vidas. A mudança ocorre, mas não da maneira esperada. Os vícios, a ambição, a inveja e a corrupção, que não pertencem somente aos moradores da região, atuam no dia a dia destes personagens que em seus atos prendem a atenção do leitor do início ao fim da narrativa. Tanto em *Capão pecado* quanto em *Manual prático do ódio*, a linguagem utilizada por Ferréz, característicos da região e dos indivíduos abordados, é explícita e polêmica.

Suas obras são recheadas de xingamentos, relações sexuais detalhadamente narradas, preconceitos contra o pobre e exploração do mesmo por aqueles de classe social superior. Os personagens fictícios de Ferréz são violentos, ambiciosos e enfrentam circunstâncias e episódios onde se deve decidir se é matar ou morrer. Eles apelam para a violência em qualquer situação de defesa, ao contrário dos indivíduos mencionados por Carolina Maria de Jesus que não são criminosos. Esses "personagens" de Carolina foram seus vizinhos da favela do Canindé e personalidades que conviveram com ela até sua saída da favela. Ela não cria personagens como Ferréz, mas relata fatos verídicos. Os moradores da favela sobre os quais fala, são pessoas com pouca educação, que se intrometem na vida dos outros, talvez pela ociosidade do local, que brigam e que agem por instinto, como uma massa desprovida de intelecto. Em seu comportamento e atitudes, os vizinhos de Carolina Maria de Jesus, na favela do Canindé, muito me fazem lembrar os moradores dos antigos cortiços. Eles agem de maneira contrária aos personagens descritos por Ferréz, que são perspicazes e não atuam sem que haja uma estratégia em mente, por mais simplórios e humildes que pareçam. Assim sendo, devemos lembrar que são várias as diferenças na maneira de Carolina e Ferréz de escrever e narrar os fatos. Carolina tenta escrever de forma polidamente bonita e Ferréz escolhe sua linguagem como quem toma uma decisão política. Ela quer ser gentil e está sempre pensando e refletindo sobre o que escreve, ou sobre quem escreve. Ele, de forma muito clara e sem esconder qualquer detalhe, expõe a violência, miséria e abandono da comunidade diante de seus leitores. Como admirador e observador do texto de ambos e também morador da favela, percebo nas entrelinhas alguns de seus segredos. Carolina Maria de Jesus fala de uma favela cuja violência era calcada na pobreza e na fome. Esta era sua maneira de expor a violência que sofria. Ferréz vive e escreve sobre uma favela onde, além da violência causada pela fome, pelo preconceito e pela ambição, as lutas

armadas pelo controle e/ou extermínio do tráfico aliado à corrupção, fazem da região um lugar muito mais difícil de se viver.

Como podemos comprovar, Ferréz e Carolina Maria de Jesus foram contra as previsões que se espera para um indivíduo que nasceu, cresceu, ou ainda vive em uma comunidade pobre. Eles foram contra a previsão de que o favelado não tem direito a alcançar o sucesso ou o dinheiro. Eles foram contra à negação de uma vida melhor.

10. A favela e o consumo

Segundo as teorias de Zygmunt Bauman de *Vidas desperdiçadas* (2005), indivíduos podem ser classificados em três categorias: os redundantes, os produtores e os consumidores. Os redundantes seriam aqueles considerados improdutivos, diante da visão de uma sociedade moderna, por não terem dinheiro e não consumirem. Os produtores seriam os que mesmo sendo de uma classe considerada inferior, de alguma maneira produzem e contribuem com a sociedade através de seu trabalho. Os consumidores são comumente os ricos e aqueles com maior poder de consumo. Em geral, os redundantes se deixam consumir e explorar pela sociedade moderna. De lá não se beneficiam ou usufruem, e por ela acabam sendo descartados. De acordo com os pensamentos de Bauman, Carolina Maria de Jesus e Ferréz, legitimamente e de acordo com o lugar onde nasceram, pertenceriam ao grupo sem muitas perspectivas de sucesso. No entanto, contrariando as ideias de Bauman, tanto em suas obras quanto em suas experiências particulares, os dois conseguem superar o que é previsto por tais teorias. Carolina e Ferréz foram contra as expectativas citadas acima: tornaram-se produtores e consumidores, mas não redundantes. Suas vidas e seus ideais não foram desperdiçados ou consumidos pela sociedade hegemônica. Eu iria mais além: tanto Carolina Maria de Jesus quanto Ferréz utilizam seu trabalho e exemplos de vida como uma ponte que liga duas sociedades em muitas maneiras distintas. Creio representarem

eles, juntamente com o que criaram para a comunidade, - oportunidades, espaço e voz, entre muitas outras coisas, - um forte exemplo de lixo reciclado e transformado em algo agora valorizado e admirado por toda uma sociedade. Os dois escritores, com a venda de seus livros, trouxeram notoriedade à vida da favela (Ferréz foi mais além, como veremos no próximo capítulo desta pesquisa).

Em algumas passagens de *Manual prático do ódio*, a crítica à ostentação e ao consumo desnecessário se faz presente. É comprovado que um fenômeno comercial tem acontecido no Brasil do início do milênio. O brasileiro, diante do aquecimento econômico do país, tem demonstrado grande ascensão no que tange ao consumo de bens. Indivíduos antes considerados da classe C mostram-se ávidos em consumir, o que também produz mudanças em relação à aceitação nas categorias citadas por Bauman. É interessante que se note que tanto na realidade brasileira, quanto na ficção de Ferréz, esse desejo de consumo atinge uma grande massa desprovida de capital. A crítica de Ferréz não deixa que esta parcela da sociedade passe despercebida.

Por outro lado, se há aqueles que conseguem mudar sua condição sócio-econômica indo contra as adversidades, como notamos com os exemplos citados nesta pesquisa, muitos ainda dependem de ações do governo ou de atos desonestos e ilegais para a realização de seus sonhos. Vale dizer que o país ainda possui alto nível de desigualdade social. Os romances e personagens de Ferréz muito bem exemplificam estes tipos de indivíduos, que, como no grupo de malandros liderados por Régis de *Manual prático do ódio*, passam seus dias, aventuras e desventuras, em função do crime e da violência, em busca de uma vida melhor. No mesmo romance, percebemos a crítica de Ferréz, através do personagem Negro Duda, a um tipo de mídia que prega o consumo exagerado quando muitos não tem nem com o que se alimentar:

... não era de muito luxo, mas sentia uma dor que não sabia explicar, os comerciais de TV, os desfiles de roupa, os carros confortáveis, as mulheres sempre ao lado dos homens que tinham o dinheiro, ele queria ter tudo isso também, ele queria ter algo mais além do pãozinho e do café já morno... (39).

Este sentimento vivido por Nego Duda por muitas vezes foi presenciado por mim no Jacarezinho. As pessoas, principalmente os jovens, deixam-se iludir por qualquer coisa que apareça na TV e principalmente nas telenovelas, fortes formadores de opinião. Além do mais, com a globalização e o acesso à comunicação que a modernidade traz, seja através da TV, do rádio e mais atualmente da internet, um massivo bombardeio que apregoa a indústria do consumo passou a invadir nossos lares. Aparentemente a mensagem surge como a melhor forma de diversão, cultura e entretenimento para a família. Entretanto, nada mais é do que uma estratégia utilizada pelo mercado para que nos tornemos ávidos consumidores. Segundo Fredric Jameson:

A produção de mercadorias é agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato. Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética (22).

Esta chamada ao consumo imposta pelo mercado da mídia está presente em todos os lares e, diante da classe desprovida de posses e com pouca educação, seu efeito torna-se letal. A palavra de ordem é consumir, pois quem consome, possui e quem possui pertence e se integra ou

se ilude pensando assim fazer parte da sociedade dominante e retentora do poder. A questão é que o mercado de consumo oferece sempre mais e aí reside o problema, pois o indivíduo sem posses não consegue acompanhar ou seguir seu fluxo.

Nos anos 70 e 80, crianças e adolescentes da favela e bairros pobres como eu, se satisfaziam com brincadeiras nas calçadas ou na porta de casa. Hoje, sua brincadeira baseia-se no consumo. Com isso, passam a querer e exigir muito mais do que a ocupação de seus pais podem lhes proporcionar. Nesta hora se faz presente, muitas vezes para o dano da família, o traficante que atua naquele local. Se por um lado, alguns desses indivíduos são capazes de oferecer um alimento às crianças vizinhas sem exigir pagamento em troca, a grande maioria exerce influência negativa sobre os menores necessitados, já que possui, a qualquer custo, aquilo que os pequenos carecem. Muitas dessas crianças, sem pai ou mãe e pertencentes a uma família desestruturada, veem na imagem do "rico" traficante de Ferréz, presente também na favela real, um exemplo de herói a ser seguido como vemos em *Manual Prático do ódio*:

... saiu para rua e deu dois tiros num menino que o encarava... o menino que morreu na hora não tinha nem 15 anos e encarava Nego Duda porque sabia que ele era bandido e queria ser como ele, o olhar era de admiração ... (39).

O "dono" da favela representa, com suas posses, seu jeito "fácil" de conseguir dinheiro, mulheres, respeito e admiração, a figura do pai ou super-herói que muitas daquelas crianças nunca tiveram e nunca terão. Então, por que não tentar ser igual a ele? Ele parece ter aquilo que os caras ricos das novelas da TV Globo possuem. Muitos, ainda pequenos no exercício de sua

função como "aviãozinho"⁴ do tráfico, acabam se viciando nas drogas que vendem e, fazem daquela droga, que lhes daria oportunidade de consumir um tênis da marca *Nike* ou *Adidas*, uma camiseta que eles viram na TV, uma bicicleta nova, uma motocicleta, ou até mesmo um prato de comida de melhor qualidade na mesa da família, um objeto de consumo muito mais precioso.

Quando as obras de Ferréz trazem à tona a vida de fome, injustiças e criminalidade da favela, de maneira alguma ele pretende dizer que as atitudes de seus personagens são justificáveis, muito ao contrário. Seus romances funcionam como veículos de discussão daquilo que não deve ser feito. Ele critica o desejo de consumo baseado naquilo que só se pode conseguir através do sangue e suor alheios. Em determinada parte de *Manual prático do ódio* ele utiliza um rap de um compositor chamado Ratoão para abrir os olhos do morador da comunidade que se deixa levar pelo supérfluo. Com rechaço a uma das maiores redes de TV do Brasil, a Rede Globo, que apesar de muito criticada, consegue manter-se no topo da audiência como a TV mais assistida. Ela, com seus programas, comerciais, shows e novelas, consegue manipular o consumidor, ditar moda, vender música, produtos e influenciar atitudes em todo o Brasil. Há também o rechaço contra os irmãos milionários Sandy e Júnior que formavam até a primeira década do ano 2000, uma dupla de cantores que desde meninos vendiam milhares de CD's e ganhavam muito dinheiro com shows e um seriado do qual faziam parte.

Não me deixo levar, a Rede Globo até tenta mais não vai me enganar... Não tô a fim de ver a merda da Sandy e a bosta do Júnior o dia inteiro na TV cantando suas músicas sem conteúdo e ganhando dinheiro com a miséria do meu povo... Me fazer de cego, não tô a fim, de aturar essa porcaria que domina a mídia

⁴ Assim são chamados os pequenos participantes do movimento. Meninos que começam prestando favores e aos poucos passam a vender drogas, até galgarem uma posição maior na hierarquia do tráfico.

fonográfica, televisiva e escrita... Meu povo tem de acordar, parar de sonhar...

(41).

Em relação ao desejo por produtos de marca, percebemos que isto ocorre devido ao fato de acreditarmos que o produto que vem de fora é superior ao produto nacional, aquele utilizado por pessoas de poder aquisitivo mais alto, que ocupam uma posição melhor no sistema de consumo. Por isto, também o queremos, como nos afirma Néstor García Canclini:

Buscar bienes y marcas extranjeros era un recurso de prestigio y a veces una elección de calidad. General Electric o Pierre Cardin: la internacionalización como símbolo de *status*. Kodak, los hospitales de Houston y Visconti representaban la industria, la atención médica y el cine que los países periféricos no teníamos, pero podríamos llegar a tener (14).

Por esse objeto de desejo e consumo eles vivem, trabalham, matam, se matam e se deixam consumir. O que lhes daria sonhos, acaba virando seu maior pesadelo, conduzindo-lhes à prisão e até mesmo à morte. Este é o reflexo da favela idealizada por Ferréz, e que acredito ser um espelho das favelas do Brasil. Se a comparo com minha experiência pessoal, posso afirmar que no Jacarezinho, a coisa nunca foi muito diferente. Com as invasões da polícia, muitas vezes presenciei a morte de jovens e meninos, e a interrupção temporária do mercado de drogas diário que se apresentava e oferecia seus produtos em uma feira livre. Apesar da morte constantemente presente, a fila de funcionários em potencial era algo que nunca deixava de crescer. Se a polícia chegava pela manhã, o movimento do tráfico cessava por algumas horas, mas antes do fim da tarde era logo reestruturado. Se alguns traficantes morressem em um dia, não faziam falta à empresa, pois logo eram automaticamente substituídos. Há ainda aqueles que possuem uma vida

boa longe do tráfico de drogas, mas que, sem motivo ou razão aparente, pensam que vão enriquecer e, de uma hora para outra decidem se tornar membro do tráfico. Como foi o caso de um jovem taxista amigo de minha família ou de Rael, personagem central de *Capão pecado*, de Ferréz. O taxista do Jacarezinho foi por ambição. Rael não. A princípio, Rael era digno de confiança e se destacava de boa parte de seus companheiros pelo esforço no trabalho e por ser estudioso. No entanto, ao ver-se traído e abandonado pela mulher, e trocado pelo patrão que daria a ela uma vida economicamente mais segura, resolveu vingar-se, aliando-se a Burgos, criminoso da comunidade:

Burgos lhe explicara tudo, como proceder, e agora era só esperar... Seu Oscar desceu do carro ... Rael encostou a arma em sua cabeça ... Rael se esqueceu de Deus, de sua mãe e das coisas boas da vida, apertou o gatilho e fez um buraco de oito centímetros na cabeça de seu Oscar ... (138-39).

O preço de sua mudança foi alto demais pois, uma vez preso, foi cruelmente assassinado por seu companheiro de cela, que era primo de seu parceiro no único crime que cometera:

Rael sentiu uma dor horrível quando o seu amigo de cela enfiou a caneta em seu ouvido ... seu corpo foi retirado da cela pela manhã e encaminhado ao IML (141).

Ao contrário do que muitos pensam, a favela não só se constitui de pessoas sem condições financeiras ou desprovidas de cultura e inteligência, pelo refugio da sociedade, criminosos ou desempregados com desejo de consumo desenfreado. Muito menos é a favela

formada por um grupo de indivíduos desonestos que ali foram jogados para pagar seus pecados. A favela é simplesmente uma região que vive à beira do abandono e ponto final.

11. A favela e a mão de obra

Como já mencionei, há diversos grupos residentes na favela. Entre tipos variados, há também aqueles que atuam como produto de consumo para a sociedade moderna. Um produto básico e primordial à classe média e média-alta constitui a mão de obra fácil e economicamente viável encontrada nas áreas mais pobres dos grandes centros urbanos. Este produto, além de ser produzido em massa pelas classes C, D e E, segue a regra número um do capitalismo: o que o trabalhador tem para vender é sua força de trabalho. Contudo, a necessidade existe nos dois lados da sociedade. O fato é que a maioria subalterna não consegue meios de equilibrar a balança através de uma melhor educação e uma melhor remuneração. Aparentemente, ela está sempre no prejuízo, em desvantagem e com pouquíssimas chances de escolha ou mudança. Sua desvantagem ocorre principalmente pela falta de estudo e preparo, o que torna sua posição no mercado competidor mais suscetível à busca de empregos com remuneração precária ou à acomodação em vista de um sistema que não lhes acena com o pote de ouro no fim do arco-íris. Em resumo, cidadãos de classe baixa são obrigados a moldar-se a uma vida de privações que se multiplica à medida que o sistema segue seu rumo. Em *Capão pecado*, o personagem Rael no início do romance trabalha em uma padaria. Sua mãe trabalha como diarista e seu pai é empregado de uma metalúrgica. Apesar de os três membros da família estarem empregados, a privação pela qual passam é tremenda, como podemos perceber no trecho em que a família passa frio e vive com o mínimo de conforto:

A cama de solteiro era apertada para os três, mas eles sempre davam um jeito, o problema era mesmo a coberta, que não dava para cobrir os pés e a

cabeça (18).

Paradoxalmente, como já foi dito, apesar de seu valor como produto de descarte simples, o pobre serve de ferramenta inestimável à grande máquina da economia. No entanto, devido a seu grande número, o pobre também se torna artigo dispensável, como manda a lei de oferta e demanda. Ironicamente, sua necessidade faz com que ele seja explorado em prol das necessidades dos outros, enquanto o resultado de seu esforço não supre as suas próprias. Em *Manual prático do ódio* Régis relembra seu passado em um momento em sua mãe fazia limpeza na casa de uma família rica:

... a patroa insistia em dar para aquela mulher alguns ossos com restinhos de carne, a mãe de Régis falava que era para o cachorro, mas em casa preparava para os filhos ... (44).

Esta passagem nos mostra que muitas das vezes, mesmo trabalhando, o indivíduo não consegue ter uma vida decente. Cena de pobreza parecida, envolvendo a família de Rael de *Capão pecado*, é narrada por Ferréz:

Rael começou a comer, e pensativo, chegou à conclusão de que, no serviço de sua mãe, ela não deveria passar de uma dona Maria qualquer; aquela que cozinha bem, que trata dos filhos dos outros bem, mas que dificilmente teria seu nome lembrado pela família que tanto explora seus serviços. E num futuro certo e premeditado, aqueles garotinhos que ela ajudava a criar e alimentar, seriam grandes empresários como o pai, e com certeza os netos daquela simples dona Maria seriam seus empregados mal assalariados e condenados a uma vida medíocre (74).

Para mim o cenário acima não trata daquilo que Rael realmente crê. Ele de forma crítica deixa transparecer a mentalidade de pessoas que pensam em "um futuro certo e premeditado", que estimula o rico a ser para sempre rico e mantém o pobre em um círculo vicioso de servidão. Acho que com as palavras acima, Ferréz quis dizer: "um dos problemas com as classes mais ricas é que muitos pensam que o pobre nasceu para a carroça, sempre a puxando ou a empurrando, mas nunca sentado nela". Esta frase foi uma vez dita por mim a uma amiga viajada, de ótima educação e de família tradicional. Ela achava que, por eu ser pobre, não tinha direito a viajar de avião ou gastar meu dinheiro com diversão. Com base nisto, diante dos olhos de uma sociedade que se aproveita dos mais fracos e que de diversas formas os aprisiona em uma posição que já lhes é econômica e geograficamente desfavorecida, a ideia de que todo morador de favela é um marginal em potencial ainda prevalece na mente de muitos. Isto gera preconceitos e constrói barreiras que psicologicamente minam e destroem a pouca chance que o morador dessas áreas tem de virar o jogo a seu favor. Em muitas ocasiões, estas barreiras também foram enfrentadas por Carolina Maria de Jesus. Muitos ricos acreditam que o pobre deve permanecer pobre para o resto da vida. Se assim não for, de onde sairão aqueles que lhes servem? Com isto criam maneiras para dificultar o acesso de indivíduos carentes a uma possível melhoria de vida. Vemos isto na forma humilhante como foram tratados Régis e sua mãe diante da patroa quando esta descobriu o lugar onde a família morava, e passando a mão na cabeça do pequeno, perguntou: "Então é esse pivete que um dia vai crescer e vir roubar minha casa?" (44). Além da ideia pré-concebida de que todo favelado é um ladrão em potencial, esta pressão psicológica cria raiz na mente do indivíduo, que cresce com a certeza de que nunca conseguirá alcançar uma mudança. Ela o leva a crer em fatos que vão com o tempo moldando sua (já) pouca vontade de vencer e diminuindo a crença que ele deveria ter em sua própria capacidade. Em resposta ao comentário

leviano feito por sua patroa, a mãe de Régis demonstra sua ingenuidade, como o subalterno sem voz e em posição de inferioridade, e acredita estar a patroa correta, uma vez que é rica, provavelmente branca e com estudo, além de ser quem paga seu salário. A seguinte narrativa então se desenrola:

... nem sua mãe entendeu o que a patroa quis dizer, mas imitou a patroa na risada, a patroa ria que se acabava e a mãe de Régis tentava acompanhar ... afinal a patroa era tão estudada que deveria estar certa de achar graça em seu filho talvez ser um futuro marginal (44).

Se para provar o que lhe fora dito quando menino, se para vingar-se de pessoas como a antiga patroa de sua mãe com seu pensamento preconceituoso e mesquinho, Régis cresceu revoltado e violento, culminando em um criminoso de fato.

Fica óbvio para mim que em termos de violência, a favela descrita por Ferréz na virada do milênio em muito se assemelha às condições das favelas do Rio de Janeiro da mesma época. O Jacarezinho do meu passado esteve para a favela de Carolina, como a de Ferréz está para o Jacarezinho de uma década atrás. Os romances de Ferréz claramente exibem em si as dores e as marcas, personificadas na favela e em seus moradores violentos e carentes, de uma sociedade fragmentada. Seus romances e suas favelas clamam por igualdade, pois como na favela real, tentam derrubar o muro invisível que separa os ricos dos pobres e a sociedade subalterna daquela que a controla. Nas obras de Carolina, a revolta sentida pelos moradores da favela age contra seus próprios habitantes. As palavras da autora são fortes e de denúncia, mas a favela que dá origem a esta fala, a favela de sua época, demonstra atitudes ingênuas, como as demonstrava a favela do Jacarezinho de meu tempo de menino.

12. A favela e a violência

O crescimento do movimento do tráfico na virada e início do milênio levou a constantes incursões de policiais militares, policiais do Core (Batalhão especial da polícia civil) e policiais do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais). Estes dois últimos contavam com a proteção de um carro blindado apelidado de caveirão, pois trazia estampado em sua lataria a marca da morte em forma de caveira. Segundo matéria de Raphael Gomide para o jornal online *Último segundo* de 03/09/2010,

Alvo de críticas por entidades de direitos humanos, o Caveirão é defendido pelas polícias do Rio como uma medida de segurança para seus integrantes. Em ambiente de favelas, a blindagem protege os policiais de disparos de fuzis e pistolas de traficantes.

Apesar do que é dito acima, segundo o que presenciei em algumas destas incursões no Jacarezinho, o Caveirão serve sim, para proteção policial em sua luta contra o tráfico, porém, sua presença causa pânico, muito mais que segurança à população. O famoso carro blindado adentra favelas, ou ao menos adentrava antes do projeto das UPPs, e com seu símbolo de morte e sua aparência sinistra, ameaça e aterroriza moradores comuns (e não comuns) em suas incursões. O jornal *O Globo*, de 07 de março de 2007, denuncia:

Segundo as queixas dos moradores, os policiais que estão dentro do veículo costumam atirar a esmo, sem averiguar se as pessoas estão envolvidas no tráfico de drogas nas favelas.

Ainda segundo o mesmo site:

Relatório feito pela Anistia Internacional, em julho de 2006, pede o fim do uso do Caveirão após constatar que ele "mata indiscriminadamente, intimida as comunidades e monta operações violentas de policiamento pelo uso excessivo da força".

Eu mesmo, na favela do Jacarezinho, já tive o desprazer de ouvir certas frases ditas pelo Caveirão. Algo do tipo: "O Caveirão vai levar sua alma". Seguindo este ritmo, com o crescimento do mercado do tráfico a olhos nus e a violência causada por embates entre policiais e traficantes, a primeira década do século novo coloca o dia a dia nas favelas em manchetes de muitos jornais. As operações policiais tornam-se constantes. Segundo o texto de Márcia Brasil para a *Folha de São Paulo* de 12 de janeiro de 2008, um menor de 3 anos de idade morreu em troca de tiros de traficantes com a polícia no Jacarezinho. Além do menino, outras 6 pessoas morreram.

A violência e a falta de segurança em morros e favelas do Rio de Janeiro comunicam-se em estatísticas além dos limites aceitáveis e suportáveis. Eu mesmo já fugi de trocas de tiros entre policiais e traficantes em momentos de operações policiais inesperadas. Vale ressaltar que a violência não causa danos somente à comunidade. Atitudes criminosas como a queima de ônibus por criminosos e/ou indivíduos incitados por estes, colocam em perigo também a vida de moradores do asfalto. A matéria de 28 de janeiro de 2009 da *Agência Brasil* nos narra fatos acontecidos no Rio de Janeiro:

Uma operação policial no Morro da Mangueira hoje (28) resultou na morte de pelo menos três pessoas e no incêndio de três ônibus nas ruas próximas à favela, na zona norte da cidade. Entre os mortos, está um suspeito de ser o chefe do

tráfico de drogas na comunidade... Como represália pela morte dos suspeitos, dois ônibus foram queimados pela manhã... À tarde, um terceiro coletivo foi incendiado... 200 policiais do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar ocuparam os Morros São João, no Engenho Novo, e dos Macacos, em Vila Isabel. São João e Macacos são favelas próximas, dominadas por facções criminosas rivais que brigam entre si desde o ano passado, pelo controle da venda de drogas na área.

Além da violência comum gerada pela luta policial em trocas de tiros contra traficantes de drogas e quadrilhas organizadas, outra praga social que ameaça as comunidades são as milícias. As milícias são grupos paramilitares constituídos em sua maioria por militares e ex-militares que atuam como protetores de certas comunidades urbanas de baixa renda. Apesar da proposta de defesa e proteção a tais comunidades, oferecendo um serviço que caberia ao Estado, suas atuações são geralmente escusas e duvidosas.

Infelizmente, os milicianos não agem sozinhos. Segundo matéria do *Estado de São Paulo* de 04 de maio de 2011, tais grupos trabalham com a ajuda de políticos corruptos:

Os vereadores foram presos durante uma operação deflagrada pela Procuradoria Geral de Justiça, em dezembro de 2010. Outros 32 homens foram presos na ocasião. Todos são acusados de envolvimento com uma milícia que teria praticado cerca de 50 homicídios desde 2007. Segundo o MP, no grupo estão 13 policiais militares, um policial civil, um militar do Exército e outro da Marinha, que também foram afastados de suas funções públicas.

Em 2008, com o intuito de recuperar áreas por décadas controladas por traficantes de drogas e milicianos, e através de um projeto da Secretaria de Estado de Segurança, começaram a ser instauradas nas comunidades cariocas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Segundo matéria de Marcelo Gomes de 17 de janeiro de 2013 para *O Estado de São Paulo*, hoje o Rio de Janeiro conta com 30 UPPs instaladas⁵. Estas UPPs são basicamente alternativas que visam aproximar as comunidades locais da polícia, ao mesmo tempo em que lhes restitui a paz, a ordem e a segurança locais. A pacificação consiste em quatro fases consecutivas: a Retomada, quando forças militares da polícia militar, do Bope e do exército adentram a favela e "expulsam" grupos contraventores da comunidade. A estabilização, quando estes órgãos iniciam o controle da comunidade e tornam-se familiares aos moradores e a Ocupação definitiva, que ocorre quando bases militares são fixadas. O Jacarezinho, cuja ocupação ocorreu em dezembro de 2012, têm três destas bases, cada uma em um ponto distinto da comunidade. A Pós-ocupação dá-se quando projetos sociais são instaurados com o apoio da prefeitura. Neste estágio espera-se que a melhoria da qualidade de vida dos moradores comece a dar frutos. Vale dizer que a pacificação é um projeto conjunto que envolve a prefeitura, polícia e moradores. Sem este trabalho conjunto não há possibilidade que o projeto funcione, o que traria de volta o comércio de drogas, as organizações paramilitares dos milicianos, as incursões policiais e o temido Caveirão, a insegurança e a intranquilidade. Muitos acreditam no futuro das UPPs. Outros creem ser esta mais uma jogada política. Entretanto, creio que a pacificação das favelas seja uma alternativa de peso que deve ser cultivada e apoiada, pois fará das favelas deste século um local de transição e convivência sem medo, tanto por parte de seus habitantes como pela população do asfalto.

13. Conclusão

⁵ No fim deste estudo, em novembro de 2013, o Rio de Janeiro contava com o número de 34 favelas com a presença de UPPs.

Quando recordo as primeiras favelas surgidas no fim do século XIX, e peso o olhar sobre as muitas outras multiplicadas desordenadamente ao longo do século XX, vejo que diferentemente dos bairros estruturados ao longo das largas e amplas ruas asfaltadas tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, as áreas ocupadas pelos habitantes dessas regiões desenvolveram-se ao acaso e sob o descaso de um Estado omissivo. Este abandono e esta falta de estrutura cresceram com o decorrer dos anos. A pobreza, a miséria e a violência, comuns a toda favela, resultaram em comunidades que pareciam insistir em ignorar as leis do Estado e criavam as suas próprias.

Na última década do último milênio e durante a primeira década deste, as condições de desigualdade, criminalidade e decadência que subjogavam os moradores das favelas, e conseqüentemente atingiam o restante da população hegemônica, alcançaram um patamar de violência incontrolável, que fugia ao controle do governo e da polícia.

Curiosamente, ao longo dos anos em que a situação de violência da favela foi-se tornando conhecidamente exposta, o muro invisível que a separava do resto da sociedade foi sendo aos poucos destruído. Se durante grande parte do século passado acreditou-se, (de maneira ignorante e preconceituosa) serem a miséria, as drogas, o desemprego, e a falta de educação e cultura os principais produtos oriundos da favela, da comunidade ou da periferia, estes, ao longo das duas últimas décadas do milênio deixaram de ser suas produções primárias.

As experiências narradas por Carolina Maria de Jesus, que falam de sua vida antes, durante e depois da favela e expõem a miséria ali encontrada, abrem os olhos do Brasil e do mundo para a realidade do fenômeno favelístico da década de 50 e 60, enquanto que seu talento como escritora, sua existência e seu sucesso provaram haver preciosidades mesmo em meio a um

local tido como refugio da sociedade. Ferréz, por sua vez, aborda uma favela em plena ebulição. Ele fala de uma favela violenta e decadente, bem semelhante à favela real do final do milênio. Vale ressaltar que o sucesso de seus livros caminha ao encontro de um momento histórico e de êxito na história da favela deste milênio, assunto sobre o qual falaremos no próximo capítulo desta pesquisa. Em resumo, Carolina Maria de Jesus e Ferréz são exemplos positivos de talento e trabalho que vêm da favela. Suas trajetórias e obras comprovam este argumento.

Além da literatura que atua como produto de transformação sócio-econômica na favela do novo milênio, há outros projetos de Ferréz, há restaurantes e serviços oferecidos por favelas já pacificadas, há oficinas de cinema que visam a incursão social e há idealizações de sucesso como o filme *5x favela - Agora por nós mesmos*. Estes, entre outros projetos, ligam a população da comunidade à população do asfalto e distingue a favela antiga da favela do novo milênio. Sobre estes tópicos, falarei mais detalhadamente no capítulo II desta pesquisa.

Capítulo II

Novo milênio: nova favela

1. A situação nas favelas em pacificação

Por muitos anos foi comum o desinteresse de moradores do asfalto em visitar as favelas. Aqueles que o faziam, tinham razões bastante específicas. Alguns iam à favela em busca de drogas, produto de consumo muito atraente na comunidade. Outros como eu, visitavam a comunidade porque lá já tinham vivido e com seus moradores e parentes mantinham laços estreitos. Havia ainda um grande número de trabalhadores, moradores de fora, cujo entra e sai da favela fazia parte do dia a dia. Hoje, no ano de 2013, a situação tem tomado um rumo distinto.

Com a ocupação da maioria das favelas do Rio de Janeiro através da implantação das UPPs do governo, tanto os moradores da comunidade quanto as pessoas do asfalto passaram a encontrar diversão, cultura, lazer e boa comida nas diversas favelas do Rio de Janeiro. Estas regiões, antes tidas como áreas de risco, vivem atualmente dias de tranquilidade e segurança, o que atrai investidores, visitantes de várias partes e turistas estrangeiros. Isto lança um novo olhar sobre a comunidade e contribui grandemente para a melhoria de vida do morador local. O projeto das UPPs, implantado no Rio de Janeiro em 2008, e as iniciativas que ele acarreta tendem a aproximar os moradores da favela da cidadania, visando a qualidade de vida do morador. A nova favela começa a contar com um prestígio que antes era desconhecido de boa parte da população brasileira. Em retorno, benefícios que lhe eram negados, e antes somente obtidos por quem vivia no asfalto, tornam-se de fácil acesso.

A Santa Marta, comunidade localizada no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, foi a primeira favela a ser pacificada na cidade, em 2008, e por isso pode ser considerada como modelo para as favelas a serem pacificadas. Logo em sua entrada, há um quiosque de informações turísticas que também oferece serviço de guias de turismo ao visitante da comunidade. Este mesmo quiosque está sob o apoio da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer e oferece oportunidade de estágio remunerado aos moradores da comunidade dispostos a ingressar em um curso de turismo que o projeto indica.

Em conversa com José Carlos Duarte, Guia de turismo local e morador do morro por quase 35 anos, obtive diversas informações sobre a atuação das UPPs e sobre os resultados da ocupação no local.

Segundo José Carlos Duarte, o início do projeto de implantação de UPPs na Santa Marta se deu com um grande contingente de policiais, hoje reduzido a um número bem menor. Ele me diz que o princípio comunicativo utilizado pelos primeiros policiais surtiu grande efeito, já que era feito diretamente de porta em porta. Ainda de acordo com José, a comunidade é muito bem observada e monitorada, com cameras espalhadas por todo o morro. Um fato curioso relatado por José é a maneira utilizada pelos policiais daquelas UPPs para evitar a quebra da tranquilidade e a paz na favela:

Em caso de briga ou confusão, a UPP adota em primeiro lugar o diálogo e se isso não resolve lá vai o spray de pimenta, arma de choque ou arma de fogo. Durante os 5 anos, somente houve um episódio com arma de fogo.

Como podemos perceber, na Santa Marta, a polícia utiliza a violência em último caso - de forma gradual - e somente em resposta à violência da população. Quando perguntei a José o que

ele pensava em relação à continuidade do projeto das UPPs e do novo modelo de favelas, ele me respondeu: "a geração de hoje, com seus 15 anos de idade é quem vai determinar a continuação da UPP, pois esta geração, diferentemente da nossa já não faz mais parte de um mundo que cresceu ligado ao tráfico". Em outras palavras, as crianças que hoje nascem e crescem na favela moderna, em especial como a Santa Marta, dificilmente irão querer abandonar a qualidade de vida com a qual têm-se acostumado.

Um projeto bastante moderno e empreendedor que acontece na comunidade Santa Marta é o Light Recicla. Segundo Luisa Azara - operadora ambiental e funcionária do Recicla no local, ele chegou ali em Agosto de 2012 como o primeiro ponto de reciclagem da favela. A empresa surgiu e junto com ela arrastou outros pontos voltados para comunidades pacificadas. Moradores participam com material separado e de preferência limpo. Cada morador participante tem um cartão magnético que dá direito a descontos em suas contas de luz. O desconto é calculado no momento em que o morador entrega o material a ser reciclado. Além do Recicla, a Santa Marta também conta com uma agência bancária - estabelecimento antes impróprio a uma favela - e uma unidade do Sesi Cidadania.

No artigo "Com pratos fartos e preços convidativos, bares de comunidades com UPP querem atrair turistas", de Ana Cláudia Costa para o site de *O Globo* de 09 de outubro de 2010, percebemos a invasão de pessoas do asfalto ávidas em provar do tempero do morro, em especial na comunidade Chapéu Mangueira - Babilônia, que teve sua primeira UPP inaugurada em 2009 e cuja atmosfera deixa claro as mudanças ocorridas desde sua ocupação.

O aroma do tempero do feijão feito na hora e do arroz refogado nas pensões e
biroskas de comunidades carentes já não atrai somente os moradores. Nas favelas

com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), almoçar nesses estabelecimentos virou uma opção saborosa e com preços muito, mais muito em conta mesmo.

Em visita ao morro pude conferir o relato descrito acima. O Bar do David é um dos estabelecimentos da comunidade que mais atraem moradores da região, turistas e pessoas do asfalto em busca de novidades. Em uma das paredes do bar encontram-se emolduradas as diversas premiações e indicações a prêmios que o bar adquiriu desde que se tornou popular. É necessário ressaltar que o Bar do David já existia antes da convivência pacífica oferecida pelas UPPs, mas até então não passava de uma despreziosa birosquinha. Não que sua comida naquela época fosse ruim, mas a segurança trazida pelo governo foi repassada aos frequentadores do bar e com o aumento da segurança, a popularidade do bar cresceu em disparada.

É interessante notar que a comunidade Chapéu Mangueira - Babilônia, que tem a seus pés o tranquilo e tradicional bairro do Leme na zona sul do Rio de Janeiro, é formada pela junção de duas favelas que se fundem em uma só, mas que se observadas de perto, possuem características que as distinguem.

Em conversa com o jovem Aguinaldo da Silva Santos, morador do Chapéu Mangueira que trabalha como secretário-voluntário na associação de moradores da comunidade, eu obtive conhecimento de diversas melhorias feitas na região desde a implantação das UPPs.

Segundo Aguinaldo, a região conta com cerca de 4 albergues, além de casas locais que oferecem o serviço de cama e café da manhã para turistas. Entre as pousadas, destaca-se o Favela Inn Hostel, inaugurado em fevereiro de 2011. O albergue, posicionado no lado da favela chamado Chapéu Mangueira, está entre um dos serviços de hospedagem mais populares da região. Seus proprietários prometem em seu site:

hospedagem ideal para quem deseja ter a experiência de viver em uma comunidade que passa por um processo de transformação... O terraço ou a laje, como chamamos aqui na comunidade, oferece uma paisagem exuberante da praia, da mata e da vizinha comunidade da Babilônia... Os proprietários e a equipe de funcionários do Favela Inn moram na comunidade.

O que mais me interessou no empreendimento citado acima é o fato de tal negócio oferecer vantagens e oportunidades de crescimento à comunidade e a seu morador. Pacotes de turismo criados por terceiros e que levavam estrangeiros para conhecer certos morros do Rio de Janeiro para mim nunca foram novidade. O que me surpreende agora é o fato que existam agências e pousadas dentro da favela. A renda que é produzida na favela é ali mesmo distribuída e reinvestida. Isto é um fator de grande importância, pois negócios antes encontrados somente no asfalto passaram a ser vistos também na comunidade, o que neste aspecto coloca a favela e o asfalto em pé de igualdade. Ainda com relação ao turismo, na parte do morro denominado Chapéu Mangueira, o serviço informal de guia de turismo cabe a jovens moradores, que combinam o valor com o visitante e com este compartilham informações, além de belíssima e privilegiada vista do Rio de Janeiro - desconhecida por muitos e aparentemente guardada em segredo - a qual somente parte da comunidade tem acesso. A Babilônia, por sua vez, já possui uma cooperativa de guias de turismo oficiais legalizados pela prefeitura.

Desde a instalação das UPPs, o Chapéu Mangueira - Babilônia passou por obras de saneamento e infraestrutura, com projetos de contenção de barrancos, asfaltamento de ruas, construção de novas habitações, e troca de relógios e postes da rede elétrica. Segundo Aguinaldo, esta última mudança deu cabo ao famoso "gato".

A comunidade ainda conta com uma clínica de saúde, agências bancárias e o trabalho do Sesi Cidadania, que oferece diversos cursos nas áreas educacionais, profissionais e sociais, tais como cursos preparatórios, supletivos e escolinhas de esportes.

Outra grande favela pacificada no Rio de Janeiro é o Complexo do Alemão, localizado na zona norte da cidade. Desde 2010 as Forças de Segurança do Estado já haviam feito a retomada da região, mas somente em maio de 2012 foi inaugurada a sua primeira UPP. Por se tratar de uma região extensa e caracterizada por várias favelas, sua pacificação deu-se de forma gradativa. No entanto, pode-se perceber o resultado do projeto ali instalado. Recentemente, o Jornal *O Dia* de 21 de março de 2013 e muitas outras publicações da mídia anunciaram a apresentação da cantora Fernanda Abreu no terceiro sarau do Complexo do Alemão. O show ocorreu em 24 de Março de 2013. Shows na favela sempre aconteceram. No entanto, restringiam-se a apresentações de cantores da música funk e grupos ou cantores de pagode - "gente da área" e familiares à comunidade.

Os saraus da comunidade e apresentações como a citada acima colocam a favela, em termos culturais, em um outro patamar, já que atraem pessoas de diversas classes sociais. Além disso, neste tipo de evento, em um local seguro que oferece diversão, cultura e entretenimento, todos saem ganhando. A empresa responsável pela montagem do palco, iluminação e detalhes técnicos, os fornecedores de bebida e os responsáveis por sua venda e o artista que torna suas músicas conhecidas e vende mais CDs, além de angariar fãs para seu próximo show. Entre outros fatores, não são somente os comerciantes e empresários que saem ganhando, mas a própria comunidade que passa a ser vista como uma localidade de acesso confiável. Isto atrai pessoas de fora, mais comércio, infraestrutura e desenvolvimento. Os interesses são variados. Enfim, o progresso local segue um fluxo natural e uma coisa (boa) acaba atraindo outra. Como resultado,

a criação de UPPs parece ser mais uma opção que é somada a outras no movimento a favor da inserção social e da cidadania.

No Jacarezinho, depois de muitos anos sendo habituado ao infernal barulho de tiros e de fogos de artifícios, estes últimos anunciando a chegada da polícia e dos momentos de terror, o morador volta a ouvir o som de passarinhos. O processo de "evolução" das UPPs na comunidade ainda é bastante lenta, mas o investimento de empresários de fora já se faz presente. Um dia depois da chegada dos primeiros policiais, as ruas se encheram de funcionários de empresas de prestação de serviços como internet e TV a cabo, benefícios que até então eram negados ao morador, mas cuja obtenção lhes era proporcionada de forma ilegal.

Uma coisa que me preocupava no início do processo de implantação das UPPs era a descrença minha e quase que geral quanto à duração do projeto. Muitos diziam e alguns ainda afirmam tratar-se de um projeto político para angariar votos ou um projeto de fachada. Infelizmente o brasileiro tem vivido em um sistema onde, através de atitudes políticas superficiais e interesseiras, as melhorias - principalmente em questão de infraestrutura - servem para agradar turistas e estrangeiros (vide as obras de remodelagem e urbanização no início do século XX que tanto trouxeram problemas aos moradores mais pobres). Depois de um tempo, aquilo que custou tanto dinheiro público perde sua utilidade e eficiência e, definitivamente, não ajuda o povo. Muitos acreditam que o projeto das UPPs, que visa o fim da violência, acontece somente por causa da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Eu, particularmente e principalmente depois de visitas a comunidades, acredito no projeto da nova favela. Um outro ponto fundamental que me faz pensar assim é o fato de que, as favelas do Rio de Janeiro, - como já relatei no primeiro capítulo deste trabalho - passavam nos últimos anos por um processo de degradação que não afetavam somente a seus moradores. Esses problemas

atingiam os habitantes do asfalto e enfraqueciam a força do Estado. Acredito que este processo de crescente violência esteja sendo interrompido de forma brusca com a inserção das UPPs, que cria um ponto de não-retorno fortificado e embasado pelo desenvolvimento do projeto em si.

Quanto à diminuição da violência e da venda de drogas na favela do novo milênio, o artigo "Pesquisa aponta que UPPs provocaram redução no número de assassinatos" de Vania Cunha para o jornal *O dia* de 20 de julho de 2012 diz que em uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Análise da Violência da UERJ, o índice de criminalidade nas favelas pacificadas, bem como em seu entorno, diminuiu bastante. Este mesmo artigo relata que "Cada UPP salva pelo menos seis vidas por ano". Além disso, a comunicação e liberdade que os moradores têm com a polícia para falar de assuntos antes mantidos em segredo também é algo que não existia antes das UPPs. No entanto, nem tudo que se refere às UPPs, cheira bem. Segundo o artigo "Favelas vivem expansão do mercado de aluguéis" de Pedro Abramo para o jornal *Folha de São Paulo* de 28 de outubro de 2012, a especulação imobiliária trazida às comunidades pacificadas é algo que se prolifera. Quem tem condições financeiras nesses locais, abusa da falta de regulamentação apropriada e consegue construir, obtendo um lucro abusivo, como é relatado no artigo "Imóveis em favelas com UPP sobem até 400%", de *O Globo*:

A construção de puxadinhos e de mais um andar - para criar novos quitinetes e abrir espaço para mais gente - virou um cenário comum em favelas pacificadas.

As associações de moradores dizem que, agora, é difícil achar imóveis para alugar ou vender. E os poucos disponíveis tiveram uma valorização de até 400% - caso de um quarto e sala à venda na Cidade de Deus, que foi de R\$ 2 mil para R\$ 10 mil - , de acordo com levantamento feito pelo estado. As casas de dois quartos nessa comunidade são negociadas a R\$ 60 mil (100% de aumento). O aluguel de

uma loja dentro da favela custa R\$ 500, 150% a mais do que antes da inauguração da UPP, em fevereiro de 2009.

Abramo denuncia a construção de puxadinhos. Os puxadinhos são extensões de um determinado imóvel ou cômodo, seja vertical ou horizontalmente. Algumas vezes esses puxadinhos são feitos sem respaldo legal. Em outras, não seguem os padrões de segurança necessários. Alguns servem para ampliar a casa e dar abrigo à família que aumentou, ou no caso citado acima, significam apenas especulação imobiliária.

Outro ponto aparentemente negativo das UPPs, seria a falta de tato de alguns policiais com moradores. De acordo com o artigo do *Jornal do Brasil* de 27 de Novembro de 2012, "Moradores das comunidades discutem as UPPs e criticam truculência policial", representantes de diversas comunidades se reuniram no morro Santa Marta, zona sul do Rio de Janeiro na intenção de discutir "a truculência dos policiais militares com os moradores das favelas". Segundo Deise Carvalho, moradora do Cantagalo, "Eles reprimem a nossa liberdade". Essa denúncia aconteceu no seminário de nome "Favela é cidade: as UPPs, a proposta de pacificação e a população do Rio de Janeiro". O objetivo do seminário foi "dar voz aos moradores que, segundo organizadores, são os mais afetados pelas UPPs". Os representantes reclamaram de falta de investimento por parte do governo e de serviços públicos ineficientes nas comunidades.

Apesar do sucesso das UPPs, situações que fogem ao controle do governo ainda acontecem. Em julho de 2012 a policial Fabiana Aparecida de Souza foi atingida e morta por bala de fuzil em um ataque à UPP da favela de Nova Brasília, comunidade integrante do Complexo do Alemão. Segundo a matéria de Fábio Grellet para o jornal *O Estado de São Paulo* de 23 de julho de 2012, outros confrontos aconteceram na região na mesma noite. A morte da

policial causou espanto e indignação na população, bem como atitudes do Estado, que intensificou o trabalho de policiais no Complexo do Alemão.

Outro acontecimento envolvendo uma favela já pacificada que chocou os moradores do Rio de Janeiro e que de certa forma abala a segurança trazida pelas UPPs e a paz encontrada na nova favela foi o incidente ocorrido com o turista alemão Daniel Benjamin Frank, de 25 anos, que visitava a favela da Rocinha em 31 de maio de 2013. O jovem foi baleado por traficantes na Rocinha, favela pacificada no fim de 2011.

A meu ver, os acontecimentos citados acima fazem parte de fatos isolados e não descrevem o ambiente de toda favela pacificada. Em longo período de visita ao Jacarezinho, no momento em que este trabalho se desenvolve, percebo as mudanças encontradas no local. Se comparo minha visita ao Jacarezinho em maio de 2012, quando a favela ainda não contava com a implantação das UPPs, com o Jacarezinho de 2013, a menos de um ano da ocupação, percebo a tranquilidade pela qual a favela tem passado. O comércio de drogas antes exposto e violento, não existe mais. E se existe, ocorre às escondidas. A invasão do aterrorizador Caveirão e a troca de tiros que tanto humilhava moradores já não se fazem presentes. O que vejo são carros da polícia e policiais armados a rondar a favela. Estes policiais, no entanto, demonstram terem sido treinados de forma a não assustar ou molestar os moradores. Algo em suas atitudes e comportamento me faz crer em sua função de tornarem-se amigos da comunidade. Espero não estar enganado. Contudo, o Jacarezinho como favela recém-ocupada, está longe do padrão que se espera de uma favela como o Santa Marta. Há ainda muito a ser feito e implementado na parte social para que se aceite o trabalho das UPPs como finalizado. A implantação das unidades de polícia pacificadora como um todo, é um projeto inovador e ainda em estágio de adaptação, além de se tratar de um processo a ser desenvolvido em áreas conturbadas e por muitos anos

abandonadas, como as favelas do Rio de Janeiro. Acredito que a pacificação total e real, baseada em um projeto recente, necessitará de tempo até que o Estado (principalmente) e as comunidades se ajustem ao novo modelo de favela.

2. A criatividade da favela carioca do novo milênio

É muito importante deixar claro que a visibilidade positiva da favela como região de produção sócio-cultural e econômica não está somente ligada à implantação do projeto de pacificação de favelas no Rio de Janeiro iniciado em 2008 e ainda engatinhando. A favela sempre contou com seus talentos, por mais que estes estivessem escondidos. Foi assim com a música, - tendo como exemplo o samba - a literatura e o cinema. Em relação a este último, com base no trabalho que tem sido feito na favela de Heliópolis em São Paulo, - sobre o qual falarei mais adiante - e em outras comunidades pobres do Brasil, está claro que o cinema há muito deixou de ser coisa de Hollywood. Como exemplo falo sobre uma grande produção do cinema brasileiro, o longa-metragem *5x favela - Agora por nós mesmos* (2010), produzido por Cacá Diegues. A curiosidade deste filme começa por seu nome.

Em 1962, cinco jovens diretores de classe média (Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman), durante o Cinema Novo, dirigiram o filme *5x favela*, que se divide em cinco episódios e contam a vida de moradores de morros e favelas. A versão de 2009, também foi dirigida por 5 diretores, sendo que ao contrário do original, eles não eram de classe média e em vez de meros observadores, eram residentes de comunidades e favelas e com isso, testemunhas fiéis de suas histórias. Esta é a razão do subtítulo, *Agora por nós mesmos*. O *5x favela - Agora por nós mesmos* foi totalmente idealizado por jovens moradores da favela. Em 2009, de acordo com a página da internet de Carlos Diegues, mais de 600 jovens de diversas comunidades se inscreveram para a seleção do grupo

que participaria das oficinas de cinema que preparariam profissionais para atuar na parte técnica do filme. Destes, pouco mais de 200 cursaram as oficinas, mas somente 84 integraram a equipe técnica do longa. O apoio às filmagens foi dado por organizações localizadas em diversas favelas do Rio de Janeiro: A CUFA, o Nós do Morro, o Observatório de Favelas, o Afroreggae e o Cidadela/Cinemaniro. Em seguida falo um pouco mais sobre estas organizações.

A **CUFA** (Central única das favelas), uma organização não governamental, foi fundada em 1999 - muito antes do projeto das UPPs - e, como seus fundadores a denominam,

é uma organização sólida, reconhecida nacionalmente pelas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais. Foi criada a partir da união entre jovens de várias favelas do Rio de Janeiro – principalmente negros – que buscavam espaços para expressarem suas atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver.

Um de seus fundadores é o premiado pela UNESCO Alex Pereira Barbosa, mais conhecido como MV Bill⁶. Outra presença marcante na CUFA é Negra Giza, cantora de hip-hop e diretora do festival de rap HUTÚZ, produzido pela CUFA. Como podemos notar, a CUFA tem no hip-hop sua principal forma de expressão e trabalha em meio aos guetos, "deixando para trás o rótulo de 'cultura do excluído'".

Muitas são as atividades oferecidas pela CUFA. Dentre elas destacam-se cursos e oficinas de DJ; *break*, *graffiti*, escolinha de basquete de rua, skate, informática, gastronomia e audiovisual. É interessante que sua equipe, assim como vemos no trabalho desempenhado pelo

⁶ MV Bill, que iniciou sua carreira como *rapper*, destaca-se por sua preocupação com a situação do menor brasileiro. Ele é autor dos livros *Cabeça de porco* (2005) e *Falcão - Meninos do tráfico* (2006). Este último narra as desventuras de menores envolvidos com a indústria do tráfico em diversas capitais do país.

Cine Favela Heliópolis, constitui-se de membros formados por suas próprias oficinas. É a favela produzindo mão de obra para seu próprio sustento e desenvolvimento, como este trabalho já constatou.

O **Nós do Morro** está localizado no Vidigal, um dos morros mais famosos do Rio de Janeiro. O projeto foi criado em 1986. A princípio, seu objetivo era levar arte e cultura a crianças. A ideia do jornalista e ator Gutti Fraga, juntamente com outros moradores do local, foi criar o Projeto Teatro-Comunidade ao perceberem que os projetos que vinham de fora da favela não dialogavam e não se adaptavam de fato às necessidades e realidade dos moradores.

Depois de estabelecer sua base em alguns endereços do Vidigal, em 2001 o Nós do Morro obteve apoio da Petrobrás. Desde então o projeto ganhou notoriedade nacional e internacionalmente.

Depois de consolidado como produtor de teatro o Núcleo Audiovisual investiu sério no cinema. O projeto, que tem o apoio do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento), foi criado em 1995. O núcleo, que já conta com um Ponto de Cultura do Ministério da Cultura, é formado por integrantes de suas próprias oficinas e tem no currículo produções de cinema premiadas no Brasil e no mundo, com destaque para *Mina de Fé* (2003), de Luciana Bezerra. O filme conta a trajetória de uma mulher de um chefe do tráfico e com seu enredo polêmico recebeu o prêmio de melhor curta no 37º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro. Uma outra produção cinematográfica do Núcleo Audiovisual do Nós do Morro chama-se *Neguinho e Kika* (2005), de Luciano Vidigal. Este conta a história dos dois personagens principais que acabam de descobrir o amor e que dão nome ao filme. A obra recebeu o prêmio de melhor curta-metragem no Festival *Reencontres Cinematographiques*, de Marselha, além dos prêmios de Melhor

Direção no Festival de Cinema de Londrina e do Prêmio Especial do Júri do Festival Internacional de Curtas do Rio.

Semanalmente o Cine Nós do Morro apresenta para o público do Vidigal e demais interessados, filmes produzidos por seu Núcleo Audiovisual e por outros cineastas. As projeções são sempre seguidas de debates.

Os cursos e oficinas de teatro, cinema e TV do Nós do Morro investe em talentos a partir dos 7 anos de idade e atualmente oferecem cursos nas áreas de interpretação, improvisação, artes visuais, história do teatro, capoeira, corpo, preparação vocal, literatura, contação de história, percussão, circo, canto, história do cinema - roteiro, direção, fotografia, produção e edição. Além disso, suas oficinas contam com a procura e interesse de moradores e de indivíduos de fora da comunidade e já se multiplicam em outras regiões do Estado do Rio de Janeiro como Saquarema e Nova Iguaçu.

O **Observatório de Favelas** define-se como uma "organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos" que busca dar direitos à cidade. A organização tem sua sede na favela da Maré e foi criada em 2001 por pesquisadores de espaços populares. O Observatório de Favelas visa a superação das desigualdades sociais históricas e expansão dos direitos e da cidadania através da atuação nas áreas da comunicação e cultura, do desenvolvimento territorial e dos direitos humanos.

A Escola Popular de Comunicação Crítica (Espocc) é um dos projetos atuantes na favela da Maré desde 2005 sob a coordenação do Observatório de Favelas. A Espocc, que teve seu início com a formação de repórteres populares, em 2011, com a parceria da UFRJ e a Petrobrás,

passou a oferecer cursos de comunicação audiovisual e cultura digital a seus alunos jovens e adultos. Outra idealização do Observatório de Favelas, realizado com o apoio da Fundação Ford, é o Projeto Mídia e Favela que teve como objetivo o estudo de como a mídia é representada em comunidades carentes e em espaços populares. Depois deste diagnóstico e balanço, a iniciativa ajudou a construir e legitimar políticas públicas de comunicação nestes espaços, além de encorajar a formação de profissionais e a busca por instituições e parceiros para ali atuarem.

Com o apoio e a garantia à liberdade de expressão e comunicação, à diminuição da violência e do racismo, à criação de empregos, ao aumento no índice de educação, entre outros fatores em espaços como a favela da Maré, o Observatório de favelas contribui com a extinção das diferenças outrora existentes entre a favela e o asfalto.

Abaixo seguem algumas das iniciativas culturais, educacionais e sociais do Observatório de Favelas voltadas para a zona norte e favelas do Rio de Janeiro.

A Arena Carioca Dicró, fundada em junho de 2012, é um espaço cultural da prefeitura e encontra-se na Penha, zona suburbana do Rio de Janeiro. Ela tem capacidade para aproximadamente 10.820 pessoas e pretende expandir a democratização da arte e cultura até a zona norte, através de apresentação de espetáculos e atividades de música, dança, teatro e audiovisual.

O Centro Cultural Bela Maré foi fundado em 2011 na favela da Maré. Em sua estréia, o centro contou com o projeto Travessias, uma exibição de arte contemporânea com acesso gratuito que expôs trabalhos de artistas consagrados como Chelpe Ferro, Lucia Koch, Raul

Mourão e Marcos Chaves. Foram 17 artistas ao todo. No ano de 2013, o projeto se tornou algo fixo e com versão anual⁷.

A Galeria 535 é um espaço de arte permanente inaugurado em 2010 que pretende instalar na sede do Observatório de Favelas um corredor cultural na favela da Maré. Sua exposição de inauguração contou com obras de alunos do Programa Agência-Escola Imagens do Povo. As imagens exibidas retratam cenas de moradores de outras favelas no seu dia a dia, entre outros temas. O acesso à galeria também é gratuito.

O Programa da redução da violência letal (PRVL), de 2007, com suas ações e com o intuito de valorizar a vida, procura chamar a merecedora atenção do governo para o número de mortes de jovens e adolescentes. Ele atua em conjunto com a UNICEF e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, além de contar com o apoio do Laboratório de Análise de Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAV-UERJ) e da Organização Intereclesiástica de Cooperação para o Desenvolvimento (ICCO).

Como se pode perceber, o Território Criativo da Maré (regiões da Favela da Maré consideradas como pólo cultural) é conhecido por sua grande inventividade. Eu concordo com esta afirmativa, já que a necessidade desde sempre tem sido a mãe das invenções. Partindo deste pressuposto, tais regiões são denominadas por esta organização de "Território Criativo Urbano" onde moradores "criam formas inovadoras, coletivas e solidárias de atendimento das suas demandas materiais e simbólicas específicas".

O Observatório de Favelas estende-se ao longo da Avenida Brasil, uma das mais longas e mais movimentadas avenidas do país, e atende hoje a 16 favelas com cerca de 130 mil

⁷<http://2013.travessias.org.br/>

moradores. O objetivo maior do Observatório de Favelas é que, em breve, as regiões por ele alcançadas tornem-se referência quanto à exportação de educação e cultura.

O grupo cultural **Afroreggae** tem como missão muito do que aqui já foi repetido: a criação de uma ponte que elimine as diferenças sociais e que de forma justa insira o indivíduo rumo ao alcance da cidadania. Um ponto que o difere de outras organizações aqui mencionadas é o fato de que para isso o grupo utilize como bandeira a cultura com raízes africanas e, através da música, consiga o seu intento. O grupo tem trabalhado arduamente desde 1992, envolvendo-se em várias vertentes que vão da música às oficinas de proteção contra o vírus da Aids. Abaixo comentamos alguns de seus projetos ao longo dos anos.

O Afroreggae, com sua origem em Parada de Lucas, comunidade da zona norte do Rio de Janeiro, sempre esteve em presente contato com Vigário Geral, bairro fronteiriço. Ali seus componentes promoveram o evento musical Vigário in Concert Geral e montou as oficinas de percussão, dança afro e reciclagem de lixo. Este foi o primeiro núcleo cultural do grupo. Ali também foi batizada a Banda Afroreggae. Na divisa entre Vigário Geral e Parada de Lucas, surge o projeto Afroreggae Produções Artísticas Ltda (ARPA). É importante que se saiba que Parada de Lucas e Vigário Geral viviam em guerra pelo controle do tráfico de drogas. O Afroreggae muito contribuiu em busca da paz para ambas as regiões. Uma de suas atuações no local foi a implementação de Oficinas de Informática na Associação de moradores de Lucas. Segundo o site do grupo, este ato "rompe a fronteira da guerra do tráfico" no local. Ainda em Parada de Lucas, em 2003 foi iniciado o projeto Rompendo Fronteiras, outro projeto voltado para a área de informática. Em 2006 na mesma região foi inaugurado o Centro de inteligência Coletiva Lorenzo Zanetti, um espaço com alta tecnologia multimídia e cursos diversos no campo da multimídia e das artes (oficinas de percussão, dança, capoeira, história em quadrinhos e violino).

O Afroreggae não ficou estagnado apenas entre Vigário Geral e Parada de Lucas. Até 2011 o grupo já contava com bases em Vigário Geral, no Complexo do Alemão, em Parada de Lucas, nos morros do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, em Nova Era, em Nova Iguaçu e na Vila Cruzeiro, além de outros projetos pelo Brasil e exterior.

É importante que se fale do interesse do Afroreggae no campo da saúde. Projetos como a Barraca da Saúde, em pontos estratégicos no Centro do Rio de Janeiro, que dava dicas sobre doenças sexualmente transmissíveis e distribuía preservativos. A Trupe da Saúde também foi outro projeto que utilizava o teatro nas ruas para dar esclarecimentos sobre doenças sexualmente transmissíveis. Por fim, mas não menos importante foi a participação da organização junto à ONG Médicos Sem Fronteiras no Arrastão da Prevenção, no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS em 1995.

No campo cinematográfico, o Afroreggae se destacou com sua história sendo contada no documentário *Favela Rising* (2005) de Jeff Zimbalist and Matt Mochary. O filme ganhou o prêmio de melhor documentário no Festival de Tribeca, em Nova York. O documentário *Nenhum motivo explica a guerra* (2006), de Cacá Diegues e Rafael Dragaud, é mais um DVD que conta a ascensão do grupo. Em *O veneno e o antídoto: uma visão da violência no Brasil* (2007), o Afroreggae se associa à Pindorama Filmes e à Fundação Ford. A equipe do documentário viajou o Brasil para coletar e registrar depoimentos de pessoas que de alguma forma tiveram suas vidas invadidas pela violência. Este último deu à luz a *O veneno e o antídoto: uma visão da violência na Colômbia* (2008), de Estevão Ciavatta.

A **Cidadela - Arte, Cultura e Cidadania**, surgiu em 2002 através do projeto sócio-cultural Cinemaneiro⁸, que de 2002 a 2005 passou a dar oficinas de introdução de cinema em diversas comunidades do Rio de Janeiro. Somente em 2005 o projeto teve seu núcleo instaurado, o NUPROCINE (Núcleo de produção Cinemaneiro) com base na Lapa, Centro do Rio de Janeiro e ofereceu equipamentos e espaço para dar continuidade ao que havia sido iniciado em 2002. Com cerca de 20 curtas e 2 videoclipes e atuando em cerca de 10 comunidades incluindo a Cidade de Deus e a favela da Maré.

Em 2005 o Cinemaneiro deu origem ao Cineclubes Beco do Rato, que só foi batizado com esse nome tempos depois e cuja trajetória é, no mínimo, curiosa. Naquela época ele se chamava Cineclubes Alma. Seus idealizadores eram participantes do núcleo de produção Cine Maneiro - Josinaldo Medeiros do Complexo da Maré, Manaira Carneiro, da Comunidade Agrícola de Higienópolis e Leandro Bitencourt da Cidade de Deus - que contaram também com a participação de Frederico Cardoso e posteriormente com André Sandino, fruto das oficinas do filme *Cidade de Deus* do ano anterior. O cineclubes em seus primeiros dias estava muito bem localizado, pois estabelecia-se no coração do Rio de Janeiro, próximo ao Museu de Belas Artes, o Museu de Arte Moderna e a Biblioteca Nacional. Apesar da ótima localização e de todo conforto que oferecia, o cineclubes em seu início não contava com o fundamental: a presença do público. Com a ideia de atrair audiência, seus idealizadores deixaram de lado os longas-metragens e passaram a exibir curtas. O povo veio, mas tão rapidamente como surgiu, desapareceu. Depois de muito refletir, os criadores do Cineclubes Alma resolveram invadir a rua em busca de amantes do cinema. A ideia deu certo. A partir da Moraes e Vale, uma pequena rua da Lapa, surgiu o Cineclubes Beco do Rato, que ganhou esse nome porque segundo seus organizadores,

⁸ www.cinemaneiro.com.br, site em construção no momento desta pesquisa.

A rua era habitada por travestis, bêbados, traficantes, cineclubistas, cineastas (nossa casa ficava ali no número oito, sede do Cinemaneiro e depois também da Cidadela), pessoas humildes e, claro, os ratos , muitos ratos.

Como a rua onde o Beco do Rato nasceu estava abandonada por descaso da prefeitura e seus organizadores tinham em mente a continuação de seu projeto, depois de vários contatos e participação de outros empreendedores, aquele corredor cultural foi ressuscitado. Em 2008 foi instalado ali o Festival da Ratoeira. Um festival na rua, com duração de três dias, com poesia, música e cinema. Cerca de 120 filmes foram exibidos como concorrentes e o vencedor foi premiado com, de acordo com as palavras dos criadores do festival, "uma bela garrafa de cachaça, uma lata de filme 16mm quase vencida e um bom queijo, além do circuito de exibição com os outros escolhidos". Em 2009 o projeto retornou ao beco do rato, agora com patrocínio e maior visibilidade, e em 2010 o projeto estabeleceu-se na Cidade de Deus. Os criadores do Beco do Rato justificam sua mudança:

... entendemos que nossos pensamentos já não cabiam somente no nosso beco de origem. Nossa intenção ainda era juntar gente, oportunizar encontros e facilitar o acesso ao cinema e demais manifestações artísticas de forma livre e espontânea, mas percebermos que ali isso já não seria mais possível. Decidimos assumir de vez a faceta itinerante e nos colocamos a desbravar a cidade de peito aberto.

As exibições do Beco do Rato na Cidade de Deus passaram a serem feitas quinzenalmente, todas as quintas feiras. Posteriormente o mesmo ocorreu nas favelas da Maré e Parque União. Frederico Cardoso, tempos depois criou o Berço do Rato, uma iniciativa para projeção de filmes infantis. A partir de então outras

parcerias surgiram, como a DEGASE-RJ⁹, o Coletivo Cultural Lobo Guará da Ilha do Governador e outros, o que culminou com novas edies das oficinas do Cinemaneiro.

O **Cinema & Rock**  um evento ligado ao Cinemaneiro que atualmente se realiza na subida da Baixa do Sapateiro. A localidade já possuía grupos de rock antigos com seguidores na própria comunidade, no entanto foi possível que se agregassem valores e se contribuísse ainda mais com a sua potencialização. O Cinema & Rock acontece na rua e conta com apresentações de toda espécie cultural além das performances de cinema, fotografia, música e poesia. São cerca de 115 pessoas que ali se aglomeram uma sexta-feira de cada mês, "em uma confraternização espontânea, feliz e amorosa envolta por arte e esperança", segundo as palavras dos idealizadores do Cinemaneiro.

Como podemos perceber, os projetos do Cinemaneiro se tratam de projetos mais urbanos, mais simples e ao ar livre. O projeto sobre o qual falo em seguida constitui um projeto de maior vulto e, como mencionado no início deste subcapítulo, tornou-se possível com a ajuda de diversas organizações de apoio à comunidade.

O longa-metragem *5x favela - agora por nós mesmos*, é mais um exemplo do trabalho que sai das mãos de moradores da favela. O filme se divide em 5 episódios distintos, e cada um conta fragmentos da vida na comunidade: *Fonte de renda*, com direção de Manira Carneiro e Wagner Novais; *Arroz com feijão*, com direção de Rodrigo Felha e Cacau Amarau; *Concerto para violino*, com direção de Luciano Vidigal; *Deixa voar*, com direção de Cadu Barcellos, e *Acende a luz*, com direção de Luciana Bezerra. Os roteiros individualizados ficaram a cargo de

⁹ Orgão ligado à Secretaria de educação do Rio de Janeiro que lida com menores envolvidos com a lei.

cada uma das organizações culturais participantes. Dos cinco episódios, analiso dois e assumo que estes foram os meus preferidos. A tarefa, no entanto foi árdua, uma vez que roteiros, atuações e demais detalhes técnicos do filme como um todo, fazem justiça aos prêmios recebidos: melhor filme no 19º Festival de Biarritz em Paris; melhor filme do público no 2º Festival de Cinema Brasileiro na China e melhor filme do Paulínia Festival de Cinema de 2010, entre outros.

O curta *Arroz com feijão* capricha no tradicional humor cotidiano brasileiro quase sempre presente, até nas horas de dificuldade. Como o tradicional prato mais popular do Brasil de seu título, ele é o carro-chefe deste filme que alimenta a família de Raimundo (Flávio Bauraqui), Judite (Renata Tavares) e Wesley (Juan Paiva). A parte dramática da história fica a cargo da pobreza da família e do pai que está cansado de levar somente arroz com feijão para o trabalho, dia após dia. No dia de seu aniversário, porém, seu filho Wesley de 12 anos decide que vai dar um frango de presente ao pai, para assim mudar a rotina alimentar da família. Para isso, o menino conta com a ajuda de seu amigo Orelha, na ótima interpretação de Pablo Vinícius. Os dois arquitetam um plano e se dirigem ao aviário da favela. Ali chegando, Orelha inicia um bem bolado discurso na intenção de conseguir a doação de um frango. O descolado e mal-humorado dono do aviário, Seu Manoel, na participação de Ruy Guerra, espanta os meninos do local. Os dois, mesmo sendo pequenos, deixam claro a resiliência e perspicácia - ou o famoso jeitinho brasileiro - comum à maioria do povo, e não desistem de conseguir dar cabo a seu intento. Aí, por incrível que pareça, acontece a grande ironia do roteiro de *Arroz com feijão*. Os meninos são roubados e ameaçados por um grupo de meninos de classe média ou média-alta. Digo isto pois os tais ladrõezinhos vestem uniformes de colégios da rede privada de ensino, o que é corroborado pela fala de um indignado Orelha que diz a Wesley: "Ó, se tu falar pra alguém que a

gente foi roubado por um bandozinho de playboy, eu juro que eu te mato. Falo que é mentira e depois te mato, pô". É interessante que se observe esta cena com mais atenção. Os espertos Wesley e Orelha, dois meninos que convivem com a malandragem da favela, sendo por si só considerados um exemplo de "bons malandrinhos", saem de uma área famosa por sua criminalidade e violência para, depois de terem ganho dinheiro honesto, serem roubados por indivíduos do asfalto. Este fato, além da perda do dinheiro suado, já justifica a revolta de Orelha. Depois de certo esforço e com mais trabalho, os meninos conseguem cinquenta centavos. Na verdade, precisavam de cinco reais. O humor da hora é que os cinquenta centavos dão apenas para a compra de um ovo, em vez de um frango. Wesley, aborrecido e decepcionado, se desfaz do ovo e volta com o amigo ao aviário. Ali, conseguem enganar Seu Manoel e roubam o tão desejado frango. De volta em casa, Wesley mente para mãe e para o pai dizendo que conseguiu o dinheiro para a compra do frango às custas de trabalho. Esta cena nos leva a crer que - diante de uma ideia pré-concebida de que todo morador da favela seria um criminoso em potencial - Wesley passaria a roubar sempre que precisasse ou desejasse. A cena dramática que se segue nos faz pensar em algo ainda pior: o pai de Wesley revela a mulher que deixara de comer frango porque quando ele tinha a idade de Wesley, seu pai apanhou de um vizinho por ter roubado uma de suas aves. Acontece que o roteiro, que cativa a audiência a cada minuto, tem uma reviravolta. No dia seguinte, os dois amigos voltam ao local de seu segundo "emprego" e encontram o dono do carro que tinham lavado no dia anterior e que lhes dera os cinquenta centavos. O dono do carro cumpre o combinado e lhes paga o restante do valor devido. Com a quantia em mãos, a cena que se segue é surpreendente: os meninos voltam ao aviário e distraem Seu Manoel, que sai do recinto atraído pelas palavras ofensivas de Orelha. Quando o velho volta a seu local de trabalho, dá de cara com um frango vivo sobre o balcão do aviário. O frango traz pendurado no

pescoço um pedaço de papel com a frase: "voltei". Seu Manoel, seriamente atordoado e incrédulo por conta do frango ressuscitado, entorna o resto de bebida de uma garrafa que levava à mão. Com muito humor e criatividade, Wesley e Orelha conseguem ser honestos, inteligentes, de bom coração e acima de tudo, com sua peraltice livram uma alma do alcoolismo, que depois do ocorrido certamente não voltará mais a beber.

O cenário do curta *Acende a luz*, diferentemente de *Arroz e feijão* cujas cenas se passam em uma favela plana, ocorrem em um morro. É véspera de Natal. E, como em todo lugar do Brasil, a comunidade está animada. Já de início percebemos a camaradagem e o burburinho comuns aos moradores destas regiões, quase sempre agrupados e ajudando uns aos outros - como na cena em que Cimar (João Calos Artigos) se oferece para trazer gelo da Rocinha, comunidade próxima, para Dona Maria (Fátima Domingues), na cena em que as jovens estão se embelezando para a festa de Natal e uma delas ajeita o cabelo da outra, ou no momento em que uma das vizinhas traz rabanada e café para Lopes, o funcionário da rede elétrica (Márcio Vito).

Apesar do clima de festa e das preparações para a ceia de Natal, os moradores se mostram apreensivos pela falta de luz e a conseqüente falta d'água¹⁰. Lopes, ao contrário de seu colega de trabalho, mostra-se bastante interessado em resolver o problema da falta de luz. Aliás percebo uma crítica social bastante clara em um dos diálogos entre os companheiros de trabalho. Isto ocorre quando Lopes percebe que para concluir o reparo, é necessário que se utilize uma peça que ele não tem em mãos no momento. Ao avisar seu parceiro sobre o ocorrido, Valdir, apressado em largar do trabalho, lhe diz: "hoje é Natal, velho". E Lopes, demonstrando fraternidade e preocupação com os moradores locais, replica: "É Natal aqui também". Na cena

¹⁰ Em diversas comunidades, por ser tratarem de terrenos íngremes ou muito apinhados de casas, o abastecimento de água problemático faz parte da rotina. Muitos moradores utilizam um sistema elétrico de bombeamento de água, mas com a falta de luz, suas bombas não podem funcionar. A falta de luz, por sua vez ocorre por causa dos chamados "gatos", ou por causa de instalações elétricas impróprias que tornam o abastecimento precário.

em que se comunica via celular com Valdir, seu senso de ajuda e profissionalismo é genuíno. Contudo, a reação dos moradores ao saberem da falta da peça de reparo também o é. Eles passam da confiança em Lopes, à desconfiança e revolta, e quase à agressão ao funcionário. Lopes promete sair da favela, buscar a peça e voltar para continuar o conserto. Talvez, se esta cena se passasse no asfalto, estes indivíduos acreditariam em sua palavra. Mas, em se tratando de moradores de uma comunidade tantas vezes enganada e abandonada por palavras e promessas de líderes políticos desmerecedores de crédito, a palavra de um simples reparador elétrico parece não valer muito. Isto fica claro na voz de Dona Maria que diz: "Eu conheço bem esse tipo de gente...". E concluído na voz de outra vizinha "ééé... que diz que vai buscar qualquer coisa ali embaixo e não volta é nunca mais...". Lopes, acuado e talvez com medo da ameaça dos moradores ou com a confiança de que Valdir voltasse ao local com a peça necessária ao conserto, fica no morro até o anoitecer. Este ponto é discutido em um diálogo entre dois jovens irmãos que dizem:

— Deu a palavra dele, tá honrando... — Deu a palavra... o cara deve tá cheio de medo achando que tu é bandido, rapá... aí, até eu fiquei com medo, parceiro... irmão, tá na cara, o carro não vai voltar... — É, mas o cara tá esperando... — É claro! porque vocês ameaçaram ele, pô...
— Ameaçaram...

A mensagem familiar e de amizade é muito marcante em *Acende a luz*. Isto fica claro com a trilha sonora de Roberto Carlos que diz: "eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar...". Finalmente, Lopes resolve fazer um gato na rede elétrica e traz a eletricidade de volta ao morro. Ele, apesar de não se chamar Jesus, iluminou a noite de Natal

daqueles moradores. Aliás, a cena em que a luz se acende pela segunda vez, foi para mim um dos momentos mais bonitos de *Acende a luz*, que termina em alegria, fraternidade e celebração.

3. A criatividade da favela paulistana do novo milênio

Como mencionei no primeiro capítulo desta pesquisa, o escritor Ferréz não se deteve apenas em seu trabalho com livros. Sua empresa de roupas, a 1DaSul, fundada em 1999 com base em Capão Redondo, já conta com outra unidade no centro de São Paulo. O objetivo da marca, além de sua função como geradora de empregos, é auxiliar no alcance à cidadania e inserção social, bem como na diminuição das diferenças entre as classes. Essas palavras não são minhas, mas podem ser lidas na página inicial do site da 1DaSul:

Somos uma marca que cria e produz cultura de periferia com foco na transformação social. Nossa missão é fomentar a economia da periferia através da produção e comercialização de produtos culturais... a **1DASUL** foi, desde o início, uma marca desenvolvida por talentos urbanos. Seu nome vem de sermos todos 1 pelo mesmo ideal. A marca, com o tempo, se tornou uma resposta do Capão Redondo para a violência, provando que lutamos por um lugar melhor. Temos agora nosso próprio símbolo: o logo da **1DASUL** que tem o ideal de ser o brasão do nosso povo. A grife **1DASUL**, por meio do Instituto 1DASUL, patrocina quermesses, festas comunitárias, shows de hip-hop, além de oficinas e palestras literárias, e ajuda a manter projetos sociais na Zona Sul de São Paulo, como a Ong Interferência, que apoia 104 crianças... mais do que exibição de grife, esta exposição é uma grande manifestação de identidade.

A loja **IDASUL** vende "bonés, camisetas, blusase os diversos acessórios que estampam a marca, com destaque para os livros, quadrinhos, CDs e DVDs, além dos famosos adesivos para carros e motos". E Ferréz não pára por aqui. Além de outros projetos, ele teve participação no roteiro de um dos episódios do seriado *Cidade dos homens* (2003), exibido pela Rede Globo de televisão, é produtor executivo do DVD *Ferréz / Literatura e Resistência* (2009), é roteirista dos quadrinhos *Os inimigos não mandam flores* (2006) e de *1000 Fita*, ainda em estágio de produção. Seu último romance chama-se *Deus foi almoçar* (2012).

Sejam quais forem as formas (descentes e honestas) encontradas pela comunidade, elas têm aberto passagens locais e de saída para seus moradores, bem como caminhos de entrada para as pessoas do asfalto. Estes aos poucos descobrem que aqueles que no passado foram considerados subalternos, podem e devem ter a chance de, através de seu talento e capacidade, alcançar seu lugar na sociedade.

Enfim, em comunidades antes vistas e tratadas com desprezo, um alarido se faz ecoar. Talvez com a intenção de reclamar seus direitos ou apenas no intuito de existir não apenas como lugar de acúmulo de indivíduos marginalizados e indivíduos consumidos, mas como uma região que se faz perceber por um espaço de produção cultural e por um espaço de trabalho. Um espaço com gente que faz e aprecia a arte. Um espaço com gente que contribui e adiciona.

Seguindo as ideias deste discurso, abro um espaço para a apresentação do sarau paulistano **Cooperifa**, fundado em 2001 e como bem define o poeta Sérgio Vaz, um de seus principais idealizadores, "o Sarau da Cooperifa é nosso Quilombo cultural", analogia perfeita para um evento que se sobrepõe à raça, a padrões sócio-culturais e a outras barreiras que nos são impostas pela sociedade. Naquela reunião todo talento e cada indivíduo é muito bem vindo.

No fim dos anos 90, antes de alcançar seu formato de sarau com endereço fixo e antes de ganhar vulto, o projeto Cooperifa acontecia apenas em encontros em escolas de Taboão da Serra onde Sérgio Vaz, acompanhado pela participação de alguns amigos artistas de rap, lia suas poesias no projeto Poesia contra a violência. Paralelamente, recitava poesias nos shows de rap que frequentava com o intuito de distribuir cartões postais e marcadores de livros com sua poesia. Foi nesta época que Sérgio Vaz descobriu a força modificadora contida nos artistas da periferia e a influência do mundo do rap chegou até ele de forma avassaladora, ao mesmo tempo em que ele lutava para levar a literatura ao mundo do rap.

O objetivo de Sérgio Vaz ao dar abertura ao encontro que futuramente seria batizado de Cooperifa seria "juntar todos os artistas sem palco da região num único evento, num único dia".

O primeiro Cooperifa aconteceu em um galpão de uma fábrica abandonada da Rodovia 116 em Taboão da Serra e contou com exibição de quadros, fotografias, samba, rap, dança, lançamentos de livros - com a ilustre presença de Ferréz que na época "estourava" um de seus livros. Houve ainda desfile de cabelos afro, exibição e venda de discos, entre outras atrações. Depois do terceiro encontro do Cooperifa, seus idealizadores perceberam que a semente com o desejo de construir uma cultura que representasse a periferia tinha sido lançada e germinada, apesar do fim dos encontros.

Alguns encontros despretenciosos entre amigos regados a poesia e cerveja, os famosos encontros da Quinta maldita geraram, ainda em forma de um embrião que nasceu numa quarta-feira de outubro de 2001, o evento fixo chamado Sarau da Cooperifa, agora sob a direção de Sérgio Vaz e Pezão e localizado no Bar do Garajão.

Com a divulgação, a popularidade e o aumento de público, as reuniões do Sarau passaram a fervilhar de gente e acontecem até hoje, sempre às quartas-feiras.

Em abril de 2004 foi lançado pela Cooperifa o jornal *Farol Urbano*. A intenção da direção da Cooperifa nunca foi ganhar dinheiro, mas sim divulgar seus eventos e principalmente sua poesia. O jornal não passou do primeiro número.

Desde a sua primeira edição até os dias de hoje, o direito e o acesso à cultura seguem sendo as principais marcas apresentadas pelo Sarau da Cooperifa, que mudou algumas vezes de endereço, mas que nunca perdeu sua essência: a de continuar sendo um Quilombo cultural, uma terra de liberdade onde não existe fragmentação de qualquer tipo, inclusive a intelectual.

Dando continuidade ao pensamento acima, venho apresentar o **Cine Favela Heliópolis**. O projeto está envolvido com a criação de um espaço democrático que traz dignidade e identidade positivas aos moradores de sua região. As oficinas do projeto financiam ensino e trabalho para uma população que vive à margem, além de se preocuparem com a inserção social desta mesma população. Aos olhos de uma audiência e de profissionais de cinema mais exigentes, o conteúdo artístico de suas obras, realmente simples, talvez fuja da proposta das obras do Cinema novo, a julgar por suas produções pouco rebuscadas. Entretanto, sócio-economicamente falando, creio que os objetivos de seu idealizador, Reginaldo de Túlio, não sejam as mesmas de alguém como Cacá Diegues - por exemplo - o que faz de seu trabalho algo mais precioso.

O Cine Favela Heliópolis, está localizado na periferia de Heliópolis, em São Paulo. Nosso estudo observa como uma oficina de filmes criada em 2004, e que tem trabalhado com moradores da própria comunidade no ensino de direção, roteiro, criação e vídeo, ao longo destes

9 anos, se amplia e dá lugar a um projeto de renome, um festival de curtas reconhecido em toda a América Latina.

Reginaldo de Túlio, vendedor ambulante e ex-metalúrgico, é morador de Heliópolis desde 1985. Como criador e atual diretor do Cine Favela Heliópolis, começou atuando, e como todo ator, esperava por um grande papel. No seu caso, este papel nunca chegou. Com isso, ele resolveu atuar em outras áreas do cinema, ao mesmo tempo em que iniciava seu trabalho de serviço de apoio à comunidade. Segundo ele mesmo nos relata em entrevista por email que nos foi enviada em 05 de maio de 2013, a oficina não foi planejada, mas simplesmente aconteceu:

... eu só queria atuar em um filme, e ter um grande papel, mas foi tudo o contrário. Assumi toda a responsabilidade e o grande papel ficou para não sei quando mas não me preocupo com isso, hoje além das oficinas de cinema temos teatro, capoeira, boxe, karatê, exibição de filmes, etc...

Ao institucionalizar as oficinas de cinemas, Reginaldo de Túlio diz ter conseguido um edital da prefeitura e apoio do Ponto de Cultura, uma ação da prefeitura criada em 2004 pra ajudar iniciativas culturais. Os alunos das oficinas de Heliópolis não pagam nada para aprender, mas tornam-se em seguida a mão de obra necessária a futuras produções cinematográficas. Aliás, a ideias de curtas surgiu graças à falta de dinheiro para investimentos em longas, como nos conta Reginaldo:

Porque as pessoas que estavam comigo, por não terem patrocínio, foram abandonando, então busquei as Oficinas de Cinema para preparar pessoas que depois vão somar comigo e está dando certo. Hoje tenho equipe formada aqui para rodar um longa e já estou querendo começar. O

Ponto de Cultura me proporcionou ter hoje todos os equipamentos, ou quase todos.

Com as oficinas, seu fundador amplia cultural e socialmente os horizontes e a visão dos moradores de uma comunidade. Além disso, ele tira o saco de lixo das mãos do lixeiro e transforma sua função em uma arte atual e autêntica, até então submersa e escondida da sociedade. O projeto envolve diversas faixas etárias e dá-lhes o conhecimento e interesse por algo novo. É importante citar a mensagem de cunho educacional deixada como legado aos participantes de cada obra finalizada pelo Cine Favela. Além disso, outro fator que considero relevante e que acontece nas oficinas do Cine Favela é o trabalho com cinema que, antes acessível a poucos fosse à frente ou atrás das câmeras, através de do projeto de Reginaldo passou a ser algo de domínio democrático e unificador.

Em relação aos filmes produzidos pelas oficinas do Cine Favela e aqui apresentados, em minha opinião acredito que a interpretação dosicineiros em curtas como *A casa caiu* (2007), de Marcos Pontes, *O grande vencedor* (2008), com direção de Jucélio Santos, *Oscar* (2010) e *Ana Carolina* (2012), com roteiro de Willian Novaes e direção de Vladimir Modesto, ainda seja bastante amadora. No entanto, Reginaldo nos diz:

Temos alunos que hoje estão na escola de atores Wolf Maia e que já viajaram para Holanda ganhando para passear, e muitos tirando o DRT¹¹.

¹¹ Registro que lhes permite trabalhar como profissionais da área.

Apesar de minha crítica quanto à interpretação de seus oficinairos, seus trabalhos com produção, roteiro, montagem, imagem e som são primorosos. Vale ressaltar o roteiro do provocativo, polêmico e corajoso *Ana Carolina*, que merece todos os prêmios.

O filme *A casa caiu*, nos conta a história que envolve duas famílias da periferia. Os personagens principais são dois adolescentes, Keila e Fabrício, que descobrem o sexo e o praticam de forma leviana. Keila conta somente com sua mãe, pois desconhece o pai. Os dois fatos citados são bastante corriqueiros entre as famílias de comunidades pobres¹².

Fabrício, o rapaz, não trabalha ou estuda, mas procura ganhar a vida de forma desonesta. A menina, Keila, engravida. Fabrício vai preso. O pai do rapaz, ao tentar tirar o filho da prisão, ouve o delegado de polícia dizer a seu advogado: "Você está perdendo seu tempo com esses favelados. Pode levar esse delinquente daqui. Amanhã ele volta mesmo...". Percebemos uma crítica social e preconceituosa neste discurso, crítica que é repetida e rechaçada ao longo desta pesquisa. Aquela que diz que o lixo deve permanecer no lixo, o que já concluímos ser um discurso equivocado.

Contudo, a fala do delegado torna-se realidade e, depois do nascimento de seu filho, Fabrício se envolve em um assalto, indo preso mais uma vez. Na prisão ele é jurado de morte.

Como já mencionado, em *A casa caiu* e nas outras obras que analiso, os atores e atrizes do filme são fracos, mas acredito que isso pouco interesse aos idealizadores do projeto. Tanto a mensagem quanto a função social de *A casa caiu* são claras e objetivas quando abordam a

¹² No Jacarezinho desde a minha adolescência nos anos 80, a história se repete. Jovens e meninas engravidam muito facilmente. Algumas não passam dos 14 anos de idade. Conheço várias famílias cuja mãe e/ou avós tornam-se responsáveis pelo lar. Em muitas, os pais não existem e em outras, cada filho tem um pai distinto. A presença do homem nessas regiões parece ocorrer somente no momento da procriação.

necessidade do planejamento familiar e a ideia de que o crime não compensa, além da crítica ao preconceito e desigualdade de direitos presenciada na cena do delegado.

Uma das premissas principais do curta *A casa caiu*, a relação sexual sem proteção entre adolescentes, é um assunto bastante sério que preocupa os pais e interrompe a infância e a adolescência de muito jovens. Dados da Organização Mundial de Saúde comprovam que 22% dos adolescentes iniciam sua vida sexual a partir dos 15 anos de idade. No Brasil, a boa notícia é que, com a ajuda de ações de esclarecimento e orientação quanto ao sexo seguro nas escolas, somado à distribuição de preservativos em postos de saúde, o índice de adolescentes grávidas tem diminuído bastante. Em comparação com a década anterior, esse número diminuiu em 22.4% de acordo com dados de pesquisa feita entre 2005 e 2009 pelo Ministério da Saúde.

O grande vencedor tem como premissa um menino que depois de fugir de casa, consegue apoio e incentivo em uma academia de lutas. Lá ele cresce e se torna campeão. O curta denuncia também o alcoolismo, a violência familiar (seu pai bêbado agride a esposa), e o tema de crianças de rua e suas consequências quando, depois de passar a noite na rua ao fugir de casa, o menino se envolve em um pequeno furto.

Provavelmente a academia de lutas de *O grande vencedor* representa uma alegoria das oficinas de cinema de Reginaldo Túlio, ao salvar e resguardar dos perigos das ruas crianças fugidas de casa e de uma família desestruturada como muitas que permeiam as diversas favelas do Brasil e do mundo. E, certamente, o menino com pai alcoólico e mãe agredida, é um entre os muitos que conheci no Jacarezinho e que Reginaldo conhece em Heliópolis.

O menino Oscar, nascido e criado na comunidade, é o protagonista do curta de mesmo nome. O garoto é filho de mãe solteira, como muitos meninos sem pai que encontramos por aí.

No entanto, mesmo sem a presença de um marido, sua mãe faz de tudo para que ele estude e tenha um futuro digno. Mãe e filho não possuem luxo, porém vivem com dignidade. Na cena em que Oscar vai se alimentar e pergunta à mãe pela carne, percebo uma forte crítica social em relação a indivíduos pobres que vivem e conseguem sobreviver com pouco dinheiro. Enquanto que outros na mesma situação de pobreza têm desejos de consumo incontrolláveis, e, para saciar estes desejos, roubam, matam e traficam.

Um vizinho chamado Bené, coloca a mãe de Oscar contra a parede, pois desconfia ser o pai do menino. Sem que os dois percebam, o menino ouve tudo. Com o passar dos anos, ao terminar seus estudos, Oscar continua morando próximo a seus pais. O filme fortalece a importância da educação familiar como exemplo a ser seguido. A trilha sonora e iluminação de *Oscar* são impecáveis.

O curta *Ana Carolina* é bastante interessante a começar por seu título. Ana e Carolina são duas jovens moradoras de uma comunidade pobre. As duas meninas se apaixonam e iniciam um romance, mas têm de lidar com o preconceito e a homofobia que tomam terreno através de comentários da vizinhança, ganhando vulto através do pai de Ana, que com isso se sente muito incomodado. Apesar disso, as meninas se aproximam cada dia mais. Entretanto, quando a coisa se torna pública, elas não resistem à crítica de todos, ao ciúme de Carol e à vontade dos pais de Ana de terem um neto. O tempo passa e Ana se envolve com um rapaz. Aparentemente por vingança, ela engravida, sempre perguntando à mãe: "não era isso que vocês queriam?". Depois de supostamente casada, seu antigo relacionamento com Carolina é descoberto por seu marido, que a rejeita ainda grávida. Seu filho nasce e Ana tem o amparo de Carolina, que, pelo que tudo indica, será pai e mãe para aquela criança. A mensagem contra o preconceito é o carro-chefe de *Ana Carolina*. Mais forte ainda é a ideia de que caráter não tem nada a ver com gênero, uma vez

que a tão criticada e rechaçada relação homossexual das duas é o marco que constitui a verdadeira família das duas jovens.

A trilha sonora neste filme e nos outros produzidos pelo Cine Favela Heliópolis parece obter um cuidado à parte, pois geralmente é muito boa. Como todo projeto do Cine Favela, a interpretação das personagens é experimental e os temas envolvem acontecimentos da classe C.

Algumas críticas sociais são claramente percebidas em *Ana Carolina*: a luta contra o preconceito e a homofobia, e a desigualdade de direitos dos homossexuais. Vale ressaltar que uma das mensagens do filme aposta na família formada por indivíduos do mesmo gênero e mais interessadamente, coloca o amor entre estes indivíduos acima de laço de sangue, já que o verdadeiro pai do filho de Ana rechaça a ela e a seu próprio filho.

4. Conclusão

Ao concluir este capítulo, me vem à mente um quadro humorístico de certo programa da TV brasileira. A personagem, responsável por um trabalho de ajuda e assistência social a indivíduos carentes tem como jargão a seguinte frase: "gente, vocês são gente quase que como nós, só não têm direitos". Apesar de tratar-se de um quadro de humor, ele traz à tona um problema bastante sério, que merece reflexão, discussão e acima de tudo, solução. Se paro para pensar no fato, chego à conclusão que parte do povo brasileiro, mais especificamente os moradores das Classes C, D e E, - com destaque para aqueles que vivem à margem da sociedade, na favela - ignora ou não faz valer os direitos que tem. Esta ignorância de muitos conduz à falta de cidadania, à desigualdade e a uma vida sem qualidade. Por outro lado, o trabalho criativo e empreendedor surgido nas duas últimas décadas em capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo, conduz um nicho da sociedade antes talvez marginalizada, sem opção e visão de mundo a um

mundo de oportunidades que o coloca em um patamar de igualdade e possibilita o seu reconhecimento. Este trabalho modificador em grande parte encontra raiz e frutifica pelas mãos de cidadãos comuns, insatisfeitos com a indiferença que os cerca.

Alguém à procura de obras com alto teor de intelectualidade e beleza, de obras que não ofusquem nossos olhos ou ofendam nossos ouvidos com as misérias da vida, ou que narrem a dureza e as necessidades enfrentadas pelo indivíduo da classe baixa brasileira, poderá preferir as produções mais sofisticadas da Broadway ou a parafernália tecnológica e perfeita de Hollywood. No entanto, creio que as criações das favelas são e devem ser calcadas na realidade de seu povo, com o holofote voltado para um meio que exige e clama por atenção. Como demonstrado ao longo de toda esta pesquisa, os trabalhos realizados para e pelos moradores de favelas, têm a intenção de alcançar e, conseguem aos poucos, adquirir direitos de cidadania para estes mesmos moradores seja através da área comercial, da literatura ou das artes. Uma vez que estes direitos sejam alcançados e estes indivíduos respeitados, o tema favela deixará de ser tão explorado, tornando-se então, o capítulo de outra história.

Conclusão

Como observei nesta pesquisa, a partir de 1897 surgiu no Rio de Janeiro um tipo de moradia que servia - a princípio - para abrigar indivíduos sem condições de investir em habitações seguras, estruturadas e de acordo com seu padrão de vida. Este tipo de moradia mais acessível avolumou-se, multiplicou-se e a favela tornou-se parte do cartão postal de muitas capitais brasileiras.

As regiões em que as favelas eram estabelecidas e cujas necessidades acompanhavam seu subdesenvolvimento, por anos tiveram em seu auxílio uma liderança que fugia aos padrões da legalidade (aqui falo do poder paralelo do tráfico que por vezes funcionava como provedor para moradores das favelas), já que a lei de fato mostrava-se omissa. Com isso, os problemas de seus habitantes eram muitas vezes ignorados.

Como demonstrou esta pesquisa, durante a última década do século XX e início deste milênio em um passado bastante recente, o abuso de direitos - ou a falta destes - comuns às favelas saem de seus becos, alcançam o país e até o mundo. Em uma época em que a modernidade da comunicação não permite que certas sujeiras sejam jogadas para debaixo do tapete, a violência e a criminalidade impostas ao morador da favela vêm à tona e tornam-se públicas. Como demonstrei neste estudo, coincidentemente ou não, a popularidade negativa de favelas e periferias ocorre em um momento em que a sua produção cultural move-se em direção ao topo. A decadência das comunidades, tão bem descrita e embasada na literatura de ficção de Ferréz, entra em choque com a decadência da vida real. Caveirões da polícia e mercadinhos de venda de drogas acabam com a paz do morador da favela. Neste ponto não se sabe se a vida imita a arte ou se a arte imita a vida. Neste ponto não se sabe quem é herói ou vilão. Sabe-se sim,

que no fim das contas, no final de cada tiroteio e de cada incursão policial, o prejuízo e a perda somam-se ao já incontável e incontrolável número de abusos sofridos pelo morador favelado.

Enquanto favelas, comunidades e periferias caminhavam em direção ao esgoto, movimentos culturais e sociais criados pelas mãos do cidadão carioca e paulistano contribuem - e muito - com a renovação destas comunidades castigadas e carentes. Como bem sabemos, se Deus existe, sempre há esperança. "Deus é brasileiro" é um ditado bastante repetido no Brasil e bastante aplicável à situação de hoje em dia nas favelas, já que com as mudanças ocorridas em áreas antes consideradas de alto risco, seu morador passou a ter uma vida mais tranquila. Como citado neste estudo, em especial no Rio de Janeiro dos últimos cinco anos, o projeto de implantação de Unidades Pacificadoras da Polícia fixam suas bases em diversas favelas com a promessa de modificações em sua infraestrutura, implementações de projetos sócio-culturais, segurança e paz.

Diante do que foi apontado nesta pesquisa, sabendo que muito mais tem sido feito, e que esta fase de mudanças representa apenas a ponta do iceberg, seguimos no início de um novo milênio com projetos e planejamentos que determinam e nos fazem conhecer, acreditar e apostar na criação de um futuro promissor onde a cidadania deixa de ser uma palavra bonita e passa a ocupar todas as camadas da sociedade brasileira.

Este estudo foi apresentado em dois capítulos. O capítulo I foi dividido em doze subcapítulos e uma conclusão, e inicia-se com a fundação da primeira favela no Rio de Janeiro. Ao longo destes 12 subcapítulos, falo da favela de uma maneira mais generalizada, tendo como exemplo acontecimentos narrados pela obra de Carolina Maria de Jesus, personagem real da favela do Canindé, em São Paulo. Situações enfrentadas por Carolina Maria de Jesus são

comparadas a minhas próprias experiências do Jacarezinho, favela do Rio de Janeiro. Da mesma forma que vivi no Jacarezinho situações de pobreza e abandono parecidas com as de Carolina Maria de Jesus, - em uma época em que as favelas costumavam ser mais sujas e carentes, porém menos violentas - compartilhei estas experiências com as que são descritas pelo escritor Ferréz, em uma favela de fatos tão incríveis, que para muitos seria melhor que permanecessem apenas como parte da literatura de ficção. Desta forma, o primeiro capítulo desta pesquisa viajou de 1897 até o passado recente, traçando o limite de surgimento da primeira favela, acompanhando parte dos problemas de outras e marcando seu momento de (quase) declínio.

No capítulo II deste trabalho, experimento a aparente libertação das favelas e seus moradores das mãos de traficantes de drogas em sua guerra constante com a polícia. Vale ressaltar que o projeto do Estado na forma de UPPs, não tem sido o único a contribuir com a melhoria da vida nas favelas. Estes outros projetos paralelos pelos quais o cidadão comum é responsável não deixaram de ser mencionados no capítulo II. Neste capítulo não falo do traficante. Falo do cidadão comum, trabalhador e que investe sócio, cultural e economicamente na favela. Além disso, muitos deles foram implantados em momento anterior à atuação do Estado e suas UPPs.

O capítulo II fala de organizações não governamentais do Rio de Janeiro como a CUFA, o Nós do Morro, o Observatório de Favelas, o Afroreggae e o Cidadela/Cinemaneiro que trabalham em prol de uma sociedade melhor através da criação de espaços culturais dirigidos ao público da zona norte e de classes de menor poder aquisitivo. Algumas atingem seu público através da música, outras, através de oficinas e cursos esportivos ou educativos. Todas elas participaram da produção do longa *5x favela - Agora por nós mesmos*, que utilizou os talentos de diversas comunidades em sua criação. Ainda no capítulo II, falo sobre projetos culturais de São

Paulo, como o Sarau da Cooperifa e o Cine Favela Heliópolis, este último criado por um simples morador da comunidade. Suas oficinas e cursos profissionais e esportivos oferecem oportunidades diversificadas a moradores da periferia. Também em São Paulo, a empresa 1DASUL, loja fundada pelo inicialmente escritor Ferréz, segue seu rumo empresarial, sem deixar de lado sua função social.

Quanto à favela do futuro como mantenedora das favelas pacificadas do presente, cabe ao povo, muito mais que a seus governantes, a continuidade de um processo já iniciado. Como afirmo neste trabalho, creio no projeto de igualdade entre favelas e asfalto e acredito na capacidade dos moradores das favelas da mesma forma que acredito na capacidade e resiliência do brasileiro.

Nos meses em que termino esta pesquisa, o Brasil de norte a sul vive um período de manifestações, passeatas e protestos em busca de direitos, a favor da transparência política, contra a corrupção, a favor de melhores salários e qualidade de vida. Se o Brasil e seu povo, gigante adormecido por décadas e décadas se mantiver desperto, - e creio que estará - posso tomar por certo o funcionamento de pacificação e empreendimentos nas favelas, fato que se tornará um simples detalhe em um país que parece estar em plena efervescência. Um país que cansou de ser repetidamente chamado de “país do futuro,” para vestir finalmente a armadura e a capa de país do presente.

Obras consultadas

- Abdala, Vitor. "Operação policial termina com três mortos e três ônibus incendiados no Rio de Janeiro." *Agência Brasil*, 28 Jan. 2009. Web. 07 April 2013.
- Abramo, Pedro. "Favelas vivem expansão do mercado de aluguéis." *A folha de São Paulo*, 28 Oct. 2012. Web. 05 April 2013.
- A casa caiu*. Dir. Marcos Pontes. Cine Favela Heliópolis, 2007. Film.
- Afroreggae*. n.p. 07 May 2011. Web. 10 April. 2013. <<http://www.afroreggae.org>>
- Ana Carolina*. Dir. Vladimir Modesto. Cine Favela Heliópolis, 2011. Film.
- Athayde, Celso, Luiz Eduardo Soares, and MV Bill. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. Print.
- ... *Falcão - Meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. Print.
- Bauman, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Print.
- Beraba, Marcelo. "'Após atos, Brasil não tem mais interlocutores'." *O Estado de São Paulo*, 13 Jul. 2013. Web. 15 Jul. 2013.
- Brasil, Marcia. "Seus sonhos não estão mais aqui." *A folha de São Paulo*, 12 Jan. 2008. Web. 06 April. 2013.
- Bidou-Zachariasen, Catherine. *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos*. São Paulo: Editora Annablume, 2006. Print.
- Brito, Ricardo. "'Que o clamor do povo seja ouvido!', diz CNBB." *O Estado de São Paulo*, 21 Jun. 2013. Web. 15 Jul. 2013.
- Campos, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado no Rio de Janeiro"*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. Print.
- Canclini, Nestor García. *Consumidores y ciudadanos*. Miguel Hidalgo: Editorial Grijalbo, 1995. Print.
- Cardoso, Frederico, André Sandino, and Josinaldo Medeiros. "Sobre os oito anos de atividade do Cineclube beco do rato." Becodorato. 05 April 2013. Web. 10 April. 2013.
- Carlos Diegues*. n.p. n. d. Web. 02 April. 2013. <<http://www.carlosdiegues.com.br>>

- Castro, Lúcia Rabello de, et al. *Mostrando a real: um relato da juventude pobre do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: NAU, 2005. Print.
- Cidade de Deus*. Dir. Fernando Meirelles. O2 Filmes, 2002. Film.
- "Cidadela – Arte, Cultura e Cidadania." Cidadela. n.d. Web. 04 April. 2013.
- Cinco vezes favela - Agora por nós mesmos*. Dir. Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha, and Wagner Novais. Globo Filmes, 2010. Film.
- Cirano, Marcos. *Os Caminhos de Dom Hélder - Perseguições e Censura*. Recife: Editora Guararapes, 1983. Print.
- Coelho, Jacinto do Prado. "Apontamentos sobre literaturas marginais." *Boletim de Filologia* 28. 1-4 (1983): 329-32. Print.
- Costa, Ana Cláudia. "Com pratos fartos e preços convidativos, bares de comunidades com UPP querem atrair turistas." *O Globo*, 09 Oct. 2010. Web. 09 April. 2013.
- Cunha, Vania. "Pesquisa aponta que UPPs provocaram redução no número de assassinatos." *O dia*, 20 Jul. 2012. Web. 05 April. 2013.
- Cufa*. n.p. n.d. Web. 08 April. 2013. <<http://www.cufa.gov.br>>
- Dantas, Pedro. "Muro que separa favela das vias no Rio já foi depredado." *O Estado de São Paulo*, 07 May 2010. Web. 27 May 2013.
- Degase*. Secretaria da Educação. n.d. Web. 06 April. 2013. <<http://www.degase.rj.gov.br>>
- Dias, Angela Maria. "A estratégia da revolta: literatura marginal e construção da identidade." *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Jan/Jun 2006: 11-22. Print.
- Eslava, Fernando Villarraga. "Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita." *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Jul/Dec 2004: 35-51. Print.
- Favela Inn Hostel*. Web. 03 April. 2013. <<http://www.favelainn.com>>
- Favela Rising*. Dir. Jeff Zimbalist and Matt Mochary. Sidetrack Films, 2005. Film.
- Gomes, Marcelo. "Mais duas favelas são ocupadas pela polícia no Rio." *O Estado de São Paulo*, 17 Jan. 2013 Web. 24 April. 2013.
- Gomide, Raphael. "Criticado, Caveirão do Bope é visto como proteção por policiais." *Último segundo*, 03 Sep. 2010. Web. 05 April. 2013.

- Granchi, Renata. "Morte de menina reabre debate sobre o blindado caveirão." *O Globo*, 07 March 2007. Web. 05 April. 2013.
- Grellet, Fábio. "Policial é morta em ataque à UPP do Alemão." *O Estado de São Paulo*, 23 July 2012. Web. 05 July. 2013.
- Gutiérrez, G. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Print.
- Holston, James. *Insurgent Citizenship: disjunctions of democracy and modernity in Brazil*. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional de Saúde do escolar*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. PDF file.
- ... *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011. PDF file.
- Jameson, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre globalização*. Petrópolis: Vozes, 2002. Print.
- Jesus, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro: Editora P. de Azevedo, 1961. Print.
- ... *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Print.
- ... *Quarto de despejo*. São Paulo: Livraria F. Alves, 1960. Print.
- Manso, Bruno Paes. "Grandes cidades têm 23.973 crianças de rua; 63% vão parar lá por brigas em casa." *O Estado de São Paulo*, 24 Fev. 2011. Web. 26 Nov. 2012.
- Mazzi, Carolina, and Renan Almeida. "Moradores das comunidades discutem as UPPs e criticam truculência policial." *Jornal do Brasil*, 27 Nov. 2012. Web. 10 April. 2013.
- Mendonça, Alba Valéria. "Turista alemão baleado no Rio vai ao Corcovado e ganha estátua do Cristo." *O Globo*, 11 Jun. 2013. Web 05 July. 2013.
- Mina de Fé*. Dir. Luciana Bezerra. Nós do Morro, 2003. Film.
- Moreira, Paulo. "Fernanda Abreu canta no Complexo do Alemão." *O dia*, 21 March 2013. Web. 09 April. 2013.
- Neguinho e Kika*. Dir. Luciano Vidigal. Cavídeo, 2005. Film.
- Nenhum motivo explica a guerra*. Dir. Cacá Diegues and Rafael Dragaud. Warner Music, 2006. Film.

Neri, Marcelo Cortes. *A nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010. Print.

Nós do Morro. n.p. n.d. Web. 11 April. 2013. <<http://www.nosdomorro.com.br>>

Observatorio de favelas. n.p. n.d. Web. 10 April. 2013. <<http://observatoriodefavelas.org.br>>

O grande vencedor. Dir. Jucélio Santos. Cine Favela Heliópolis, 2008. Film.

Oscar. Dir. Jucélio Santos. Cine Favela Heliópolis, 2010. Film.

O veneno e o antídoto: uma visão da violência na Colômbia. Dir. Estevão Ciavatta. Pindorama filmes, 2008. Film.

O veneno e o antídoto: uma visão da violência no Brasil. Dir. Estevão Ciavatta and José Junior. Pindorama filmes, 2007. Film.

Porta, Paula. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. Print.

Preto contra Branco. Dir. Walter Morales. DOCTV, 2004. Film.

Schmidt, Selma. "Imóveis em favelas com UPP sobem até 400%." *O Globo*, 29 May 2010. Web. 22 April. 2013.

Silva, Reginaldo Ferreira da. *Capão pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. Print.

... *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. Print.

Trindade, Priscila. "Justiça do Rio afasta dois vereadores de Caxias envolvidos com milícia." *O Estadão*, 04 May 2011. Web. 08 April. 2013.

Túlio, Reginaldo de. "Re: Tese sobre cinema." Message to José Luiz Santos Nogueira. 05 March. 2013. E-mail.

Vaz, Sérgio. *Cooperifa: antropologia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. Print.

Idasul. Web. 02 April 2013. <<http://1dasul.com.br/1dasul>>

Uppsocal. Instituto Pereira Passos. n.d. Web. 03 April 2013.

Zaluar, Alba, and Marcos Alvito. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. Print.